ENTREVISTA
Fabiano Silva, presidente dos Correios: “Minha missão é afastar a possibilidade de privatização”

DOIS BRASIS NO G20
Fernando Haddad e Roberto Campos Neto levam visões distintas do País para reunião das maiores economias na Índia

RECICLAGEM E LUCRO
Grandes companhias globais lideram uso de resíduos na manufatura em larga escala

ISTOÉ Dinheiro
TRÊS

BRASIL, O PAÍS DAS APOSTAS DIGITAIS

Mercado on-line de palpites sobre placares esportivos irá movimentar **R$ 12 bilhões** este ano em meio a dois desafios: criar uma regulamentação específica e superar a polêmica sobre a lisura dos resultados. Entenda o crescimento exponencial do setor que já domina a publicidade do futebol nacional, com **patrocínios a 37 dos 40 clubes das séries A e B do Brasileirão**

TOMA LÁ, DÁ CÁ, INEVITÁVEL

Não tem mesmo outro jeito. Com a atual composição do Congresso e o sistema de castas em vigor, onde o bloco do Centrão manda e desmanda em tudo ao seu bel prazer, o presidente Lula parece mesmo condenado a fazer concessões, e das grandes. A todo custo. Sob pena de não conseguir governar. E já está acontecendo. Para conseguir aprovar a proposta da reforma tributária, a primeira das guerras prioritárias que trava em prol do atendimento às demandas de seu eleitorado, o demiurgo vem articulando e distribuindo cargos e emendas. É exigência direta dos parlamentares, diga-se de passagem. Não se trata de cooptação, mas da tentativa de uma coalizão mínima para garantir base de apoio aos projetos que considera essenciais. Como sair dessa armadilha? No curto prazo parece não haver alternativas. Mesmo a busca de um orçamento extra para cobrir o rombo deixado pelo antecessor teve de ser negociado, voto a voto, com a entrega de postos e dinheiro para convencer os "indecisos". Perdem os cofres públicos e o bolso do sofrido contribuinte, mas também os já sacrificados princípios republicanos. Após uma temporada de aprovação recorde de PECs, instrumento de base da gestão bolsonarista, Lula teve de partir para o regateio aberto com deputados e senadores que lhe são francamente críticos. Está distribuindo uma penca de cargos em todos os escalões e chancelando verbas para currais eleitorais. Os aliados do ex-presidente Bolsonaro, por sua vez, criaram uma espécie de cordão de isolamento no Legislativo e agora partem para uma investida contra o "revogaço" antiarmas que o petista procura implementar nas duas casas. Difícil, decerto, governar com a resistência de uma frente de adversários francamente majoritária. Na busca de alternativas de movimentação, Lula passou a fazer inúmeras promessas a governadores e prefeitos, tentando estabelecer uma aliança da União com estados e municípios. Nas reuniões que se tornaram frequentes, concede o atendimento a demandas como a da criação de um Conselho Federativo, para deliberações conjuntas, e tem discutido, inclusive, o ressarcimento de recursos pelas perdas de arrecadação ocasionadas com o corte do ICMS dos combustíveis. Essa é medida para consertar estragos da gestão passada, mas não há outro jeito. Habilidoso no trato político, Lula joga em desvantagem e entendeu que o diálogo com os interlocutores estaduais e municipais poderá lhe garantir alguma autonomia e peso no embate com o Legislativo. A ideia de que o Estado fique imobilizado pela retranca política não passa pela cabeça do presidente. Ele vem, pessoalmente, buscando conversar com o titular da Câmara, Arthur Lira, e do Senado, Rodrigo Pacheco, para aplainar os ânimos. Tem sido bem-sucedido. Até mesmo um novo regime fiscal, que substitua o teto de gastos, entrou no radar das discussões com esses interlocutores e recebeu seu aval. É via entendimento que Lula planeja avançar no debate econômico. Ele almeja conquistar o aumento do Bolsa Família, do salário mínimo, dos investimentos externos do BNDES, além da isenção do Imposto de Renda para um maior número de brasileiros, como plataformas de governo. No banho de realidade que tomou nas urnas, pôde perceber que será na costura das tais alianças que construirá uma estratégia de gestão efetivamente eficaz. Chame isso de toma lá, da cá, ou de qualquer outra coisa, mas é a saída viável.

Carlos José Marques
Diretor editorial

 FOTOS: RICARDO STUCKERT | CRISTIANO MARIZ | DEBORA ZANDONAI | DIVULGAÇÃO

Índice

CAPA Ilustração: Istock

Dinheironasemana

POR EDSON **ROSSI**

CAOS BRASILIS

MERCADANTE VERSUS HADDAD: BOM PARA QUEM?

Tragédia grega em versão cabocla. **Ato 1**. Aquele papinho de frente ampla desmorona a cada segundo. A fome&sede de poder petista voltou voraz e vingativa sob o governo Lula III — inclusive entre os próprios membros do partido. A jogada da vez é de **Aloizio Mercadante** (à esq.), presidente do BNDES. No começo do mês, ele usou o SBT para avisar que prepara seu próprio projeto para um novo arcabouço fiscal e que o trabalho deverá estar pronto até o começo de março. Tudo lindo, não fosse o fato de que a tarefa é responsabilidade de **Fernando Haddad** e seu Ministério da Fazenda. A atravessada de Mercadante foi lida pelo mercado como deve ser: interferência indevida + dois caras que não se bicam + falta de conexão. Tudo de que a economia brasileira não precisa neste momento. Mercadante afirmou que o tema será debatido na recém-criada Comissão de Estudos Estratégicos, que está sob o comando do economista André Lara Resende. "O resultado será entregue a Haddad e Lula", disse. "Aqui, tudo vai para o Lula." **Ato 2**. Na semana seguinte, Mercadante disse que o banco que comanda pediu para o ministério de Haddad mudança na Taxa de Juro de Longo Prazo (TJLP), que corrige financiamentos da instituição bancária. A TJLP é calculada com base na inflação oficial mais juros de títulos públicos atrelados a índices de preços. "A TJLP é muito volátil porque trabalha com a inflação do mês", disse. "O BNDES emprestou R$ 52 bilhões a micro e pequenas empresas. A taxa tem que ser mais estável, não pode usar a inflação do mês, tem de pegar uma média móvel da inflação." **Ato 3**. Como o mercado lê a proposta? Mercadante empareda Haddad caso a política econômica não entre no eixo até o fim do semestre.

PROJEÇÕES NÃO SE CONFIRMAM

Situação na Rússia não é tão russa

Projeções que eram catastróficas como um tufão, especialmente em veículos de comunicação do mundo ocidental, viraram um vento gelado, incômodo, mas suportável. A realidade parece não ter ideologia e seguiu o lema de sempre: as coisas 'são-o-que-são'. Para felicidade de **Vladimir Putin**, foi divulgado na segunda-feira (20) que a economia da Rússia teve contração de 2,1% em 2022, informou o serviço federal de estatísticas do país. O Banco Central local estima recessão levemente superior, de 2,5%. Em qualquer dos cenários, o índice é muito menor do que o previsto logo que houve a invasão da Ucrânia, há um ano, quando os Estados Unidos lideraram uma cam-

TRANSBRASÍLIA

Vale-mudança: menos para você

Há pouco mais de um mês (dia 19 de janeiro), o presidente Lula III afirmou que o Brasil foi tomado pelo ódio por causa da negação da política. Nada mais tolo. Até porque negar a política é negar o oxigênio. O brasileiro tem ojeriza, e cada vez mais, é dos políticos — tanto que um em cada quatro eleitores rejeitou Lula, Bolsonaro ou os dois, nem aparecendo para votar. Exemplos para isso nunca terminam. O mais recente foi divulgado pela Folha de S.Paulo. Congressistas terão direito a R$ 39,3 mil a título de ajuda de custo para se mudar de Brasília, ou para Brasília. São 513 deputados federais e 27 senadores (o 1/3 renovado em outubro). Dessa turma, cinco senadores e cerca de 280 deputados têm direito a duas cotas — uma pelo fim do mandato, outra pelo início de novo mandato (no caso dos reeleitos). Ou seja, R$ 78,6 mil no cofrinho. A coisa é tão ridícula e indecente que mesmo quem vive em Brasília ou tem imóvel na cidade recebe. Só piora ao lembrarmos que já existem ajudas de transporte aéreo e hospedagem. A transbufunfa vai consumir R$ 40 milhões. Em tempo: normalmente, essa turma trabalhadora fica por Brasília apenas entre terça e quinta-feira, com direito a apartamentos funcionais ou auxílio-moradia — aquele que Bolsonaro declarou usar para "comer gente".

FOTOS: ETTORE CHIEREGUINI | PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS | SERGEI SAVOSTYANOV | PAUL HENNESSY | ISTOCK | DIVULGAÇÃO

panha global, seguida principalmente pela Europa, de boicote econômico e sanções a Moscou. O próprio Ministério da Economia russo havia projetado contração de mais de 12%. Em abril, o Banco Mundial estimou redução de 11,2%. Nada disso, nem de perto, aconteceu. O que segurou a queda foram as exportações líquidas, que aumentaram de 9,3% para 12,8%, devido principalmente aos aumentos de preços dos combustíveis e produtos energéticos.

FRAUDE NO VAREJO

Armário da Americanas não para de expelir esqueletos

Expectativa: pedido à justiça de Recuperação Judicial da Americanas aponta em R$ 119,6 milhões as dívidas trabalhistas. Realidade: o volume de dinheiro é de R$ 284,3 milhões. No limite, se perder todos os processos, isso significa 138% acima do declarado. O levantamento do novo esqueleto saído do armário da empresa do trio--senhor-dos-anéis- do-capitalismo-brasileiro foi feito pela Data Lawyer, plataforma de análise de dados em ações judiciais, a pedido da Folha de S.Paulo.

€ 883 MILHÕES

VALOR PAGO PELO BILIONÁRIO AMERICANO **BILL GATES**, FUNDADOR DA MICROSOFT E 5ª PESSOA MAIS RICA DO PLANETA (COM PATRIMÔNIO DE US$ 105,6 BILHÕES, SEGUNDO A FORBES) PARA COMPRAR 3,76% DAS AÇÕES DA GIGANTE CERVEJEIRA HOLANDESA HEINEKEN. A INFORMAÇÃO FOI DIVULGADA NA QUARTA-FEIRA (22)

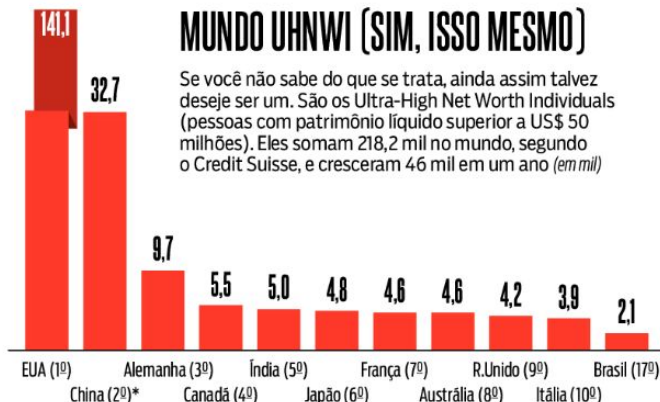
EUROPA

Alemanha: inflação ainda segue fora de controle

Problema à vista para quem imagina que curvas de juros devem arrefecer pelo mundo. O mais recente sinal veio da Alemanha, maior economia europeia e quarta maior do planeta — depois de Estados Unidos, China e Japão. A inflação no país em janeiro ficou em 8,7%, divulgou o governo na quarta-feira (22) — quando os preços são harmonizados em relação aos demais países da União Europeia a alta é de 9,2%. “Após a desaceleração no final do ano passado, a taxa mantém-se num nível elevado”, disse Ruth Brand, presidente do Departamento Federal de Estatística. Em dezembro, o índice havia recuado para 8,1%. Desta vez, o preço dos alimentos aumentou 20,2% em relação a janeiro de 2022 e o da energia doméstica subiu 36,5% no comparativo ano a ano. A alta de preços no país não tem similar desde o fim da Segunda Guerra e cresceu vertiginosamente num prazo muito curto — há 11 meses, em fevereiro do ano passado, estava em 4,3%.

MUNDO UHNWI (SIM, ISSO MESMO)

Se você não sabe do que se trata, ainda assim talvez deseje ser um. São os Ultra-High Net Worth Individuals (pessoas com patrimônio líquido superior a US$ 50 milhões). Eles somam 218,2 mil no mundo, segundo o Credit Suisse, e cresceram 46 mil em um ano *(em mil)*

País	Valor
EUA (1º)	141,1
China (2º)*	32,7
Alemanha (3º)	9,7
Canadá (4º)	5,5
Índia (5º)	5,0
Japão (6º)	4,8
França (7º)	4,6
Austrália (8º)	4,6
R.Unido (9º)	4,2
Itália (10º)	3,9
Brasil (17º)	2,1

*Exceto Hong Kong

“SE VOCÊ É TOTALMENTE ANALFABETO E VIVE COM UM DÓLAR POR DIA, OS BENEFÍCIOS DA GLOBALIZAÇÃO NUNCA CHEGARÃO ATÉ VOCÊ”

JIMMY CARTER

Presidente dos EUA entre janeiro de 1977 e janeiro de 1981. Aos 98 anos, decidiu permanecer em sua casa e receber cuidados paliativos após uma série de internações hospitalares para tratar de efeitos de um câncer cerebral controlado em 2015. O democrata Carter teve papel decisivo no processo de abertura política brasileira.

POR HUGO CILO

CRESCIMENTO SEM PARAR

Mesmo com o aumento da concorrência no segmento de pagamentos eletrônicos de pedágio no Brasil, a líder do segmento, a Sem Parar, tem conseguido crescer de forma acelerada. No ano passado, a ativação de TAGs subiu 15% na comparação com 2021 e o número de passagens em pedágios alcançou recorde de 820 milhões, crescimento de dois dígitos. Vendida para o grupo americano Fleetcor por R$ 4 bilhões em 2016, a Sem Parar cresce forte em serviços que vão além dos pedágios, segundo o presidente **Carlos Gazaffi**. O serviço de abastecimento, que dobrou sua rede credenciada entre 2021 e 2022, aumentou em 42,5% o número de transações. A tecnologia que permite pagar postos de combustível de forma eletrônica estreou em Brasília e se expandiu a São Paulo, Curitiba, Salvador e Joinville. Já a divisão de estacionamentos de aeroportos e shoppings (alta de 89%) efetivou mais de 68 milhões de operações ao longo do ano. E na carona do crescimento, vem o investimento. **"Diante de um cenário desafiador, investimos mais de RS 200 milhões em iniciativas de inovação em serviços digitais e expansão da nossa rede credenciada"**, afirmou Gazaffi.

PROUSER APPS ACELERA

Startup brasileira de tecnologia focada no desenvolvimento, produção de conteúdo e distribuição de aplicativos, a ProUser Apps fechou 2022 com um faturamento de R$ 37 milhões (em 2021, a empresa havia faturado R$ 6 milhões). Em 2023, a projeção é alcançar R$ 60 milhões. Para isso, a edtech projeta lançar novos aplicativos, investir ainda mais na experiência do usuário, dobrar o número de parceiros (hoje são sete) e continuar o plano de expansão internacional. Hoje, além do Brasil, a ProUser Apps já atua em Portugal, Espanha e Colômbia. "Tivemos o melhor ano da empresa até aqui, desde 2017. Além de crescer nossa participação em parceiros antigos, conquistamos novos clientes, dentro e fora do Brasil, a exemplo da Claro Colômbia, e em um novo mercado, o de Educação", afirmou Rodrigo Murta, fundador e CEO.

MENOS ESCRITÓRIO, MAIS LUCRO

A CONSOLIDAÇÃO DO TRABALHO REMOTO GEROU LUCRO PARA AS EMPRESAS NO ANO PASSADO. UM ESTUDO DA PESQUISADORA AMERICANA TINA PATERSON, AUTORA DO LIVRO *EFFECTIVE REMOTE TEAMS*, MOSTRA QUE A AUSÊNCIA DO CARTÃO DE PONTO AUMENTOU A PRODUTIVIDADE E O RESULTADO DAS COMPANHIAS PESQUISADAS

Fonte: FindStack.com

OS EVENTOS ESTÃO DE VOLTA

O ano tende a ser muito positivo para o setor de eventos. Um estudo da American Express Global Business Travel (Amex) com 583 profissionais em 23 países mostra que dois terços dos entrevistados esperam que o número de eventos presenciais retorne aos níveis pré-pandemia. De acordo com **Rogério Fernandez**, CEO da ShowDesign, um dos maiores organizadores de eventos do País, o mercado vai reagir com a demanda reprimida e com grandes projetos incentivados pelo novo governo. "O governo Lula é conhecido por investir mais na cultura, o que deve gerar mais eventos."

LABORATÓRIO DE **US$ 1,5 BILHÃO**

A fabricante sul-coreana SD Biosensor, controladora da mineira Eco Diagnóstica, concluiu a aquisição da Meridian Bioscience, empresa de diagnósticos nos Estados Unidos, com presença em 70 países. O negócio envolveu US$ 1,53 bilhão (quase R$ 8 bilhões) e abre caminho para a empresa brasileira expandir seu portfólio e ter acesso a novos mercados. A Meridian Bioscience é líder mundial em exames de gravidez e diagnósticos para o tratamento de doenças crônicas e infecciosas. Segundo Vinícius Pereira, diretor executivo da Eco, com essa operação a empresa ganha corpo para atuar diretamente no mercado americano e ter acesso a transferência de tecnologias para aprimorar a linha de produtos.

Amazon, Microsoft, GE e Sky foram algumas das empresas pesquisadas

77%
dos trabalhadores pesquisados se consideram mais produtivos trabalhando em casa

US$ 2 MIL
foi o aumento do lucro por trabalhador das empresas que adotaram o trabalho remoto no ano passado

MEIO CONTADOR, MEIO BANQUEIRO

Uma das maiores empresas de contabilidade on-line do País, com mais de 50 mil clientes, a Contabilizei pretende crescer como banco. A plataforma acaba de lançar sua própria fintech com conta PJ gratuita para englobar serviços de gestão financeira na experiência dos clientes. A proposta do Contabilizei Bank, segundo o CEO e fundador da Contabilizei, **Vitor Torres**, é simplificar a vida dos micros e pequenos empreendedores brasileiros a partir de uma solução inédita de contabilidade integrada. "O conceito one-stop-shop permite que os nossos clientes supram as suas necessidades em um mesmo local."

INJEÇÃO MILIONÁRIA NA **NOTCO**

A NotCo, empresa de tecnologia de alimentos rápidos, recebeu aporte de US$ 70 milhões (cerca de R$ 367 milhões) em rodada de investimento Série D, liderada pela Princeville e com participação da Capital Bezos, Tiger Global Kaszek Ventures e The Craftory. Com essa injeção de capital, a NotCo chega a um valuation de US$ 1,5 bilhão.

CORRIDA POR **DÓLARES**

A retomada do turismo e as incertezas na economia estão aquecendo a procura por moeda estrangeira. Só em janeiro, a procura pela verdinha em papel moeda cresceu 7,7% na Frente Corretora, uma das maiores do País. No último trimestre de 2022, o aumento foi de 320%. A corretora, que tem parceria com o programa de fidelidade Smiles, com a agência de viagens Hurb e FlyTour, afirma que a expansão não ocorre apenas no balcão de atendimento das unidades da rede, mas na maior facilidade de acesso ao dólar até por caixas eletrônicos. "Esse volume por operações reflete o aumento pelo interesse em sacar o papel comprado através dos ATMs disponibilizados pela corretora em diversos locais de grande procura, como aeroportos, galerias e shoppings", disse **Wiliam Kerniski**, diretor da corretora.

ESPAÇOLASER EM **QUEDA LIVRE**

A febre das franquias de estética, oferecidas como baú do tesouro para investidores novatos nos últimos anos, tem se mostrado fonte de problemas. Um levantamento da Bloomberg Línea mostra que as ações da líder do segmento de depilação a laser, a Espaçolaser, caiu de R$ 17,90 no IPO, em 2021, para os atuais R$ 1,25. Em um ano, queda acumulada é de 71%. O valor de mercado da empresa encolheu de R$ 4 bilhões há dois anos para R$ 452 milhões. Com o surgimento de novos players, a empresa teve de achatar suas margens e queimar caixa para expandir o número de lojas.

FOTOS: ISTOCK I DIVULGAÇÃO

Entrevista | **Fabiano Silva**, presidente dos Correios

"Minha missão é fortalecer os Correios e afastar a possibilidade de privatização"

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) vive uma guinada sem precedentes: os planos de privatização, iniciados em 2013, estão suspensos. A estatal que dispensou 7 mil funcionários e fechou mais de 300 agências nos útimos quatro anos voltou a dar lucro. Em 2022, ele foi de R$ 2,3 bilhões

Flávia GIANINI

 | FOTOS: CRISTIANO MARIZ / AGÊNCIA O GLOBO | EVANDRO LEAL / AGÊNCIA ENQUADRAR / FOLHAPRESS

DINHEIRO — Os Correios passaram por anos turbulentos. Quais as cicatrizes?

FABIANO SILVA — As consequências afetaram principalmente os empregados, que vivenciaram momentos difíceis, num clima muito ruim. Fui convidado pelo presidente Lula. Minha missão é fortalecer os Correios em seu papel de integrador nacional e afastar a possibilidade de privatização. Somos considerados umas das instituições mais confiáveis pelos brasileiros e reconhecidos como um dos maiores operadores logísticos do mundo.

Quais os planos para os próximos meses?

Queremos colocar a empresa no caminho da modernidade e da sustentabilidade, utilizando sua capacidade logística para fomentar os negócios nos âmbito nacional e internacional. Além disso, precisamos que as relações no ambiente de trabalho voltem a ser salutares. Com os projetos de expansão e inovação que estão na agenda estratégica da empresa, a estatal se firmará cada vez mais nessa posição de destaque mundial.

Como fazer de uma estatal centenária referência em um mercado tão competitivo como o de logística?

Os Correios do Brasil possuem respeito internacional. Afinal, são 360 anos servindo a um país tão desafiador como o nosso. A empresa contribuiu para o projeto de integração nacional buscado ao longo da história e segue acompanhando as transformações do cenário econômico e social do País. O comércio eletrônico hoje é forte e promissor graças aos serviços pioneiros de entregas expressas e de logística implementados pela empresa ao longo dos últimos anos. Sua infraestrutura instalada e cobertura interiorizada permitem a todos — cidadãos, pequenos e médios empreendedores, grandes empresas e entes governamentais — terem acesso a diversas modalidades de serviços, a preços competitivos.

A empresa surfou no crescimento do e-commerce nos últimos anos. Qual será o impacto de uma eventual estagnação do crescimento do varejo virtual nos próximos anos?

A transformação digital impulsionada pelas novas necessidades de consumo da população nos últimos anos veio ao encontro da estratégia dos Correios de ser o principal parceiro do e-commerce nacional e internacional. Ações aderentes a esse mercado, que já vinham sendo desenvolvidas, foram intensificadas, reforçando o importante papel dos Correios para a economia do País. Hoje o mercado apresenta novos hábitos de consumo. O consumidor atual é mais informado, conectado e prático. Conveniência e acessibilidade entraram definitivamente no rol de necessidades vinculadas à sua tomada de decisão. E, não obstante a retomada do varejo físico, a consolidação do e-commerce continua elevando o varejo digital a novos patamares. Ainda assim, o cliente atual tem consciência quanto aos seus direitos e liberdade de escolha em relação ao canal de compra que melhor lhe atender, seja físico ou digital. E os Correios estão preparados para ambos.

> “O cliente atual tem liberdade de escolha em relação ao canal de compra que melhor lhe atender, seja físico ou digital. E os Correios estão preparados para ambos”

Monopólio estatal e empresa competitiva podem coexistir?

Sim, penso que seja possível. Os serviços prestados com exclusividade, que contemplam cartas, telegramas e malotes, têm o papel social que contribui para a universalização dos serviços postais, de extrema relevância para a população, em especial em um país de grandes dimensões como o Brasil. E sabemos que não há interesse de empresas privadas em levar cartas às localidades que não são rentáveis. Com investimentos e estratégia, queremos tornar os Correios cada vez mais competitivos, alinhando a sua robusta capacidade de logística às necessidades do mercado no segmento concorrencial de encomendas e ao desenvolvimento econômico e social.

Qual o seu maior desafio como presidente dos Correios?

Assumimos uma empresa que estava à beira de ser privatizada. O corpo de empregados estava inseguro com esse processo que mexia com a vida de todos. A empresa tem uma importância gigantesca na vida de todos os brasileiros. Nos últimos tempos, foram feitas mudanças que sucederam a empresa com vistas à sua privatização. Nosso desafio é recuperar a confiança e o vigor de todo o time de empregados, para que sintam-se integrantes desse processo de transformação e no fortalecimento de nossos canais de vendas e estratégias de negócios para aumentar a receita. Um grupo de trabalho multidisciplinar está em formação para atuar no enfrentamento de desigualdades dentro e fora da em-

presa, bem como no combate de todo tipo de assédio moral e sexual. Meu compromisso é manter um ambiente plural e respeitoso em toda a estatal.

Sua experiência anterior lhe preparou para este momento?

Sinto muita motivação em participar da reconstrução do País. A motivação do presidente Lula é um combustível para que todos nos dediquemos à causa pública. É um desafio muito grande estar à frente da maior empresa de logística da América Latina. Temos uma grande tarefa de repensar a empresa, modernizá-la e torná-la mais competitiva, valorizando seus empregados e fortalecendo seu papel de integração nacional. A dedicação e experiência que tive na administração pública e no setor privado, somados ao time que constituímos, fornecem os elementos necessários para entregarmos os resultados pretendidos.

Qual a previsão para os números da empresa neste ano?

Assim como o mercado mundial, o cenário do e-commerce no Brasil é de retomada dos resultados, frente aos impactos do último ano. Com os Correios não é diferente, vivemos um momento desafiador e trabalharemos com foco total para garantir a sustentabilidade da empresa. Mas nem só de lucro vive a empresa. Além de operador logístico, oferecemos produtos e serviços de apoio ao governo como Cadastro de Pessoa Física (CPF), serviços bancários de saque e transferências, distribuição de vacinas e remédios, livros didáticos. Vamos, por exemplo, enviar para o litoral Norte de São Paulo, castigado pelas recentes chuvas, materiais de refugo que não foram retirados e estão armazenados à espera de leilão, como roupas, brinquedos e material escolar.

Concorrentes privados, como DHL, Mercado Livre, FedEx e TotalExpress têm apresentado bom desempenho em qualidade e prazos de entrega. Como os Correios enxergam essa concorrência e o que tem feito para se modernizar?

É natural que o crescimento do e-commerce promova o surgimento de novos concorrentes, sendo muitos nossos clientes, o que é saudável para o setor, pois potencializa a busca por melhores práticas para os clientes e para a sociedade. Ressaltamos que a qualidade operacional dos Correios do Brasil é uma das melhores em todo o setor postal mundial. Alinhado à modernização do nosso portfólio, a empresa expandiu o Sedex Hoje, serviço que oferece a entrega em poucas horas, trazendo mais tecnologia e velocidade às entregas, garantindo maior competitividade no mercado. E continuaremos apoiando o comércio nacional e exterior com soluções práticas e acessíveis, inovações significativas como: entregas no mesmo dia; soluções logísticas completas para toda a cadeia de valor das empresas; ampliação da coleta e da rede de atendimento com Lockers e Pontos de Coleta; evolução dos canais digitais; simplificação do processo de exportação; mais rapidez, tecnologia e informação nas importações; e modernização dos sistemas.

> "O surgimento de novos concorrentes é saudável para o setor, pois potencializa a busca por melhores práticas para os clientes e para a sociedade"

Sob o governo Lula, as estatais devem conviver com uma maior intervenção política. Quais os pontos positivos e negativos deste movimento?

Talvez meu exemplo seja importante. O presidente Lula escolheu um advogado de sua confiança para assumir uma das maiores empresas públicas do país em um momento em que a empresa caminhava a largos passos para a privatização. Creio que é importante aliar esses fatores, capacidade técnica e política. Não há qualquer problema de agentes políticos ocuparem cargos no governo, a criminalização da política nos levou à terrível situação que vivenciamos nesses últimos seis anos. Precisamos aliar as indicações políticas às credenciais técnicas necessárias para o desempenho da função pública.

Qual legado você gostaria de deixar para a instituição ao fim deste ciclo?

Estou totalmente motivado a apoiar a empresa a superar seus desafios e objetivos estratégicos, para torná-la ainda mais competitiva. Mas meu maior propósito é ver novamente os Correios como orgulho nacional, que todos percebam a importância desta empresa tão singular para o desenvolvimento do País.

FUNDADOR: DOMINGO ALZUGARAY
(1932 - 2017)

EDITORA
CATIA ALZUGARAY

PRESIDENTE-EXECUTIVO
CACO ALZUGARAY

DIRETOR EDITORIAL
CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO
CELSO MASSON

TEXTO
REDATOR-CHEFE: Edson Rossi
EDITORES: Ernani Fagundes, Hugo Cilo, Lana Pinheiro e Paula Cristina
EDITOR-ASSISTENTE: Beto Silva
REPORTAGEM: Angelo Verotti, Anna França, Bruno Andrade, Flavia Gianini, Jaqueline Mendes, Lara Sant'Anna e Victor Marques

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Jefferson Barbato
DESIGNERS: Christiane Pinho e Oliver Quinto
ILUSTRAÇÃO: Evandro Rodrigues (chefe) e Fabio X
PROJETO GRÁFICO: Ricardo van Steen (colaborou Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ON-LINE
EDITOR EXECUTIVO: Airton Seligman
EDITORA ASSISTENTE: Aryel Fernandes
REPÓRTERES: Bruno Pavan, Daniela Quitanilha, Diego Ferron, Edda Ribeiro
REPÓRTERES FREELANCERS: Rodrigo Faveto e Marcelo Almeida
WEB DESIGNERS: Alinne Souza e Thais Rodrigues

FOTOGRAFIA
Pesquisa: Sidinei Lopes
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala
Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira 10h às 16h20, sábado 9h às 15h.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex
Secretária da diretoria de publicidade: Regina Oliveira
Diretora de marketing e projetos: Isabel Povineli
Assistente: Valéria Esbano - **Gerente Executiva:** Andréa Pezzuto - **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira -
Coordenadora: Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br
ARACAJU – SE: Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · Tel.: (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · Tel.: (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · Tel./fax: (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – Tel.: (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA –GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 –
PORTO ALEGRE – RS: Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · Tel./fax: (51) 3388-7712/ 99309-1626

Dinheiro (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e administração: Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo-SP, CEP: 05067-900. Tel.: 11 3618 4200 · Fax da redação: 11 3618 4109.
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda. Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
Impressão e acabamento: D'ART HY Editora e Gráfica Ltda.
Rua Osasco, 1086 - Guaturinho, CEP 07750-000
Cajamar - SP

ANER

CARTAS, E-MAILS E REDES SOCIAIS

REPORTAGEM DE CAPA

Reforma Tributária: o trunfo de Lula para domar o mercado?

Lula ainda não apresentou seu plano de governo. O Brasil vai de mal a pior.

Ricardo Lang Becker

Não podemos deixar para depois. Precisamos da reforma.

Carolina Alves

Sim, o BC precisa rever os juros! Sim, o governo precisa rever a própria irresponsabilidade fiscal.

Andre Andrade

A Selic é o termômetro, não a febre. Precisamos combater a doença.

Hamilton Fred

Mundo crescerá pouco. Emergentes crescerão abaixo. Brasil crescerá menos ainda

Movimento mundial é recessão. Vamos ver como será visto o efeito Lula.

Ronaldo Mariano

Brasil tem vocação para ser sempre o país do quase.

Pedro Paulo

"Se quiser tecnologia de ponta, o Brasil precisa criar de forma soberana", entrevista com Ricardo Galvão

Após quatro anos de desmonte? Quero ver como.

Sérgio Silva

Um verdadeiro brasileiro íntegro. Admiro demais. Precisamos de desenvolvimento tecnológico e Ricardo Galvão é um defensor desta bandeira.

Luciana Monteiro

Todos contra o Banco Central

Se o presidente da República não cobrar, quem cobra?

Rubens Maré

O prenúncio da guerra no céu

Eles [EUA e China] precisavam de um pretexto. Acharam.

Helder Silva

GM aposta em elétricos mais baratos

Aqui é bom para montadoras porque sempre fica mais caro do que em outros países.

Jeremias Lancelotti

Stix procura por fiéis

Programa de pontos para compra de remédio é dose! Se bem que pelo tanto de remédio que comprei no último ano eu já teria juntado muitos pontos.

Átila Mendes

Por que manter a Selic alta é inútil — e só alimenta a inflação

Artigo

Acho que não ter uma régua fiscal clara aumenta mais.

Italo Locker

A economia de Bolsonaro só deu certo para os ricos, porque os pobres passaram fome.

Beatriz Guidott

Fale conosco

Cartas para esta seção, com endereço, RG e telefone, devem ser remetidas para: Diretor de Redação, ISTOÉ DINHEIRO, R. William Speers, 1.088, Lapa, São Paulo - SP, CEP 05065-011. Acesse o portal **istoedinheiro.com.br** e comente os conteúdos nas páginas da ISTOÉ DINHEIRO nas redes sociais. **Facebook: @istoedinheiro; Instagram: @istoe_dinheiro, Twitter: @istoe_dinheiro; LinkedIn: IstoÉ Dinheiro.** Mensagens poderão ser editadas em razão de seu tamanho ou clareza.

ÁGUA: UMA MÁ E DUAS BOAS NOTÍCIAS PARA O BRASIL

É possível que um país com 7.491 quilômetros de litoral, 12 bacias hidrográficas — entre elas a Amazônica — e mais de 1 mil rios esteja secando? Sim, é possível e é o que parece estar acontecendo com o Brasil. Essa é a má notícia apontada em recente estudo do MapBioms. “Todos os anos mais secos da série histórica ocorreram na última década”, afirmou Carlos Souza, coordenador do MapBiomas. “O intervalo entre 2013 e 2021 foi o período crítico.” Entre todos, o pior ano foi o de 2016, quando a superfície de água doce no País chegou ao ponto mínimo de 16,3 milhões de hectares. Para efeito de comparação, 1991 foi o melhor com 19,8 milhões de hectares. Em 2022, o alívio. O crescimento da superfície foi de 10% na média dos meses, o que elevou a superfície total de água doce a 18,2 milhões de hectares. O bom desempenho não chegou perto do ano de 1991, mas deixou o País em uma situação melhor do que a registrada em 2021 — com 16,5 milhões de hectares — e nos nove anos anteriores. A segunda boa notícia é que mesmo com as flutuações, o Brasil manteve sua posição perante o mundo participando com 6% da superfície e com 12% do volume de água doce do planeta. Isso nos dá um imenso poder na geopolítica mundial.

Do total de água doce do planeta, o Brasil possui

6% da superfície mapeada

12% do volume disponível

REFLORESTAMENTO

RECURSOS PARA **RESERVA LEGAL DE SÃO PAULO**

Fundada em 1997, a consultoria ambiental Mata Nativa BR irá investir R$ 30 milhões na composição de Reserva Legal no Estado de São Paulo. O montante, levantado após doação da Fazenda Ribeirão da Serra, em Sete Barras (SP), será usado para compra de novas áreas que irão ampliar o Parque Estadual Carlos Botelho, uma das principais Unidades de Conservação de Mata Atlântica do estado de São Paulo. Em troca, a empresa recebeu Cotas de Reserva Legal (CRL), títulos que representam área de cobertura de vegetação de propriedade com excesso de Reserva Legal e que podem ser adquiridos por proprietários com déficit, para regularizar o imóvel rural.

ENERGIA

FONTES RENOVÁVEIS NO FOCO DOS EMPRESÁRIOS

Se depender de intenções, o Brasil deve ter um salto em investimentos em energias sustentáveis. Segundo o estudo International Business Report (IBR), da Grant Thornton, 74% das 264 empresas brasileiras consultadas afirmaram que irão investir em energias renováveis nos próximos 12 meses. A energia solar receberá a maior fatia dos recursos, seguida pela eólica, bioeletricidade e oceânica. Para **Élica Martins**, líder de Energia e Recursos Naturais da empresa, boa notícia também tem lado social. “Além de benefícios que impactam os custos e valorizam empresas, esses investimentos criam oportunidades de desenvolvimento em outros setores correlatos, com geração de empregos.”

PESQUISA

O QUE A **GERAÇÃO Z QUER DO GOVERNO?**

Na opinião da maioria dos brasileiros nascidos entre 1995 e 2010, também conhecidos como Geração Z, o governo deveria concentrar seus investimentos para melhorar o sistema educacional e os serviços de saúde pública do País. Pelo menos foi o que disseram 64% e 57%, respectivamente, dos mais de 1 mil jovens brasileiros que participaram do estudo *Mobilizando e Elevando a Geração Z para Construir uma Economia Pronta para o Futuro*. Apesar dos anseios, os jovens estão descrentes: 49% afirmam ter baixa ou nenhuma confiança de que o governo será capaz de recuperar a economia e gerar crescimento econômico nos próximos dez anos. E sem economia forte, o resto caduca. A pesquisa foi encomendada pela Dell Technologies.

"NOSSO PLANETA NÃO TEM CHANCE DE SOBREVIVER E DE PROSPERAR SE O SISTEMA ECONÔMICO E FINANCEIRO NÃO MUDAR RADICALMENTE PARA ENFRENTAR A EMERGÊNCIA CLIMÁTICA E SOCIAL."

ALOIZIO MERCADANTE
PRESIDENTE DO BNDES

Ativista trans, **Ariel Nobre** é um dos idealizadores e líderes do Observatório da Diversidade na Propaganda. O objetivo é traçar metas para que o setor avance com consistência na inclusão de grupos minorizados.

O QUE É

"O Observatório é uma associação de agências de comunicação criada para acelerar a diversidade, equidade e inclusão no mercado. Faremos isso estabelecendo metas e cuidando da governança de ações para que os compromissos sejam cunpridos."

RECURSOS E AÇÕES

"Temos pouco mais de meio milhão de reais a serem aplicados em ações afirmativas em 2023. Os recursos vieram das agências para viabilizar um diagnóstico setorial sobre a diversidade. A partir dele, traçaremos metas e faremos ações educativas e outros trabalhos para o avanço da agenda."

CARTA

"Uma das ações de sensibilização veio do meu inconformismo de saber que o Brasil é há 14 anos o País que mais mata trans no mundo. Então escrevi 14 cartas a mão para líderes de agências e de marketing pedindo por mais inclusão. O Brasil precisa de mais líderes trans na comunicação."

Por que na comunicação?

"Porque a propaganda é um forte elemento cultural e de transformação no Brasil e não há trans na comunicação. A sociedade está sendo educada sobre o que é ser trans pelo olhar do homem branco cisgênero. Eles falam sobre nós, mas não nos deixam falar."

A CORRIDA DE HADDAD E CAMPOS NETO NO G20

MINISTRO DA FAZENDA E PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL VÃO À ÍNDIA COM IMPRESSÕES DIFERENTES DE UM MESMO BRASIL

Paula CRISTINA

ILUSTRAÇÃO: EVANDRO RODRIGUES FOTO: ISTOCK

A participação do Brasil na primeira cúpula dos chefes da economia dos países do G20 após o retorno de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência era aguardada pela comunidade internacional. Os países emergentes esperavam um aceno para retomar parcerias, e as economias desenvolvidas, uma maior abertura do Brasil no período pós-Bolsonaro. E para representar esse debate econômico brasileiro lá estava ele, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, que desembarcou em Bangalore, na Índia na quarta-feira (22). Dono e proprietário do discurso mais moderado na economia dentro do atual governo, o professor foi preparado para falar sobre controle fiscal, planos de crescimento, o papel da inflação e novas parcerias mundiais. Até aí tudo certo, não fosse outro personagem também em voga no noticiário brasileiro e tem visões e premissas diferentes sobre o Brasil. Roberto Campos Neto, presidente do Banco Central acompanha Haddad neste evento temático para falar da própria gestão à frente da política monetária do Brasil e seus resultados para blindar o país de uma inflação ainda maior e preservar a moeda.

O último encontro entre Haddad e Campos Neto aconteceu no dia 16 de fevereiro, antes do Carnaval, quando uma reunião do Comitê Monetário Nacional (CMN) resultou, em uma versão contemporânea do ensinamento socrático, num retumbante "só decidi que nada decidi". A meta da inflação não foi alterada e nenhuma política monetária ou fiscal anunciada. E essa frustração se dá porque o Brasil enfrenta hoje uma guerra de visões de mundo. De um lado, um presidente populista que apoia grande parte de seu plano de crescimento na retomada do consumo da população. Do outro lado, um presidente do Banco Central conservador por herança política à espera de sinais mais contundentes de controle fiscal antes de ameaçar reduzir a Selic, hoje cravada em 13,75%. No meio dessas duas visões de mundo estão Simone Tebet (ministra do Planejamento) e Fernando Haddad. "Não há caminho fácil. Toda negociação econômica precisa assumir riscos. Temos nossa visão de Brasil e já fizemos dar certo. Faremos de novo", disse o ministro da Fazenda pouco antes de viajar.

E essa guerra de narrativas ganha agora o mundo com a presença dos dois no fórum do G20 dedicado exclusivamente aos ministros das Finanças e presidentes dos Bancos Centrais dos países membros. Segundo assessores próximos a Haddad, a pauta do ex-prefeito de São Paulo já vai fechada. "Ele vai negociar com os países a presidência do bloco em 2024, a sede da COP em 2025, sentir o clima para Dilma [Rousseff] entrar no Banco do Brics", disse. Também estão previstas reuniões com países parceiros e buscas por aproximação com novos mercados.

Já Campos Neto participa do fórum *G-20 High-Level Symposium on Digital Public Infrastructure for Innovative, Resilient, Inclusive Growth and Efficient Governance* para tratar sobre a implementação do Pix e seus desdobramentos para uma economia mais digital, transparente e rápida. Nas reuniões paralelas Campos Neto também falará sobre a política monetária do Brasil, que começou a subir os juros antes de quase todos os países do mundo e, segundo ele, também será a primeira a baixar caso os sinais de responsabilidade fiscal sejam passados pelo governo federal.

O encontro formal de Haddad e Campos Neto deve se resumir aos debates sobre o uso de criptomoedas e os seus respectivos papeis (à frente do BC e da Fazenda) para tornar esse ambiente mais seguro. Recentemente o presidente Lula tratou da possibilidade de criação de uma moeda única no Mercosul para ser usada apenas no comércio exterior, e discussões sobre essa modalidade ser apenas digital também ganhou atenção especial, já que seria regulamentada e lastreada pelo Banco Central, teria uso reduzido e poderia ser um experimento interessante para outras regiões integradas.

AGENDA AMBIENTAL
Fernando Haddad falará da importância de fortalecer a preservação das florestas brasileiras

O MUNDO Enquanto no Brasil os discursos de Haddad e Campos Neto só se aproximam em partes, o resto do G20 parece ter chegado a algumas conclusões de modo unânime. Pelo menos é o que sinalizam os outros ministros de Finanças e Banco Centrais. O primeiro ponto é que a inflação global é um problema e precisa se encarado ainda em 2023. O alto endividamento das economias emergentes e como isso impossibilita a abertura do mercado mundial também aparece como um entrave relevante para a retomada econômica. O evento, que aconteceu no retiro de verão de verão de Nandi Hills, entre quarta-feira e sábado foi o primeiro grande evento da presidência

indiana do G20 e marca também o aniversário de um ano da invasão russa à Ucrânia. A guerra e seus desdobramentos no mundo não ficariam de fora da agenda, em especial nas falas de líderes dos Estados Unidos e membros da União Europeia. Da parte norte-americana houve uma preocupação adicional da secretária do Tesouro dos EUA, Janet Yellen. Segundo ela o mundo precisa fazer uma pressão para a China "realizar rapidamente" o alívio da dívida para países de baixa e média renda.

FUNDO Essa discussão ganhou espaço já que Sri Lanka, Bangladesh e Paquistão (todos vizinhos e parceiros da Índia) entraram recentemente com pedido de resgate do FMI devido à desaceleração econômica causada pela pandemia da Covid-19 e pela Guerra da Ucrânia e boa parte já estão endividada com a China. Uma das soluções discutidas no encontro é o desenvolvimento de um fundo de ajuda dos membros para os países em dificuldade no pós-pandemia. O Brasil já havia sinalizado interesse parecido, quando Lula fez sua primeira visita internacional, para a Argentina. "É preciso que os mais desenvolvidos e os emergentes pensem em como ajudar os menos desenvolvidos", disse Lula, no final de janeiro.

PROBLEMAS
Reflexos da pandemia em 2023 foi um dos escolhidos para a reunião do G20 organizada pelo primeiro-ministro da Índia, Narenda Modi, que tem evitado falar sobre a guerra na Rússia

O primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, esteve por perto de toda negociação para que a Índia assumisse a presidência do bloco este ano, e permanece em uma posição delicada internacionalmente. Ele já disse publicamente que não tem interesse em apoiar novas sanções à Rússia, defendendo um acordo pelo caminho do diálogo. O tom chegou a subir com líderes de países como França e Alemanha, que pediram uma mediação efetiva ou apoio a novas sanções dos países do Ocidente aos russos. Para afastar essa discussão, os indianos não colocaram nenhum evento específico para tratar sobre a guerra, seus desdobramentos e potenciais caminhos, cabendo aos palestrantes arriscar falar, ou não. Nesse meio, o Brasil deve voltar ao cenário atuando como um mediador. Lula, depois de visitar o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, chegou a comentar sobre a possibilidade de o G20 promover as diretrizes para um acordo que coloque fim à guerra. E, dentro dos emergentes, talvez resida no Brasil a liderança nesse sentido.

DILMA NA BOCA DO BRICS

Outra temperatura que Fernando Haddad deve sentir em sua passagem pelo G20 é a recepção dos emergentes para a possível ida de Dilma Rousseff ao comando do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), instituição de fomento para Brasil, África do Sul, China, Índia, Rússia (que integram o Brics). O tema deve ser formalizado em março, quando Lula viaja para a China, mas já é dado como praticamente certo no Brasil. A ex-presidente foi a fundadora do banco, em 2014, em um evento que aconteceu no Brasil. O plano era que os emergentes criassem pautas interligadas e usassem recursos para desenvolvimento tecnológico, de infraestrutura e logística visando a maior interação econômica dos membros. Hoje, a sede do banco fica em Xangai, na China, e a equipe de Lula trabalha na negociação de uma ampliação do acordo comercial entre os dois países, que em 2022 gerou um superávit de US$ 28 bilhões. Para isso, o Brasil deve abrir um consulado em Chengdu, um polo tecnológico da Ásia e caminho para que os dois países troquem mais pesquisa e inovação. Para que isso dê certo, o banco seria um fomentador desta cartada. A estimativa do FMI é que o banco tenha cerca de US$ 32 bilhões na carteira de ativos, e metade disso ainda disponível para os próximos dois anos. O atual presidente, Marcos Troyjo, foi empossado em 2020 pelo ex-presidente Bolsonaro e estava no cargo no ano em que o NBD mais emprestou para o Brasil (cerca de US$ 1 bilhão, usado para custeio do Auxílio Brasil e outras emergências). Uma marca difícil de superar e que talvez só ela, a mãe do PAC, tenha condições de bater.

 | FOTOS: ICHIRO OHARA | MANJUNATH KIRAN | JOEL SAGET

OS CAMINHOS PARA O CRESCIMENTO REGIONAL

ESTUDO MOSTRA QUE QUASE TODOS OS ESTADOS BRASILEIROS MELHORARAM (OU NÃO PIORARAM) SEUS PRINCIPAIS INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

Jaqueline MENDES

À primeira vista, soa contraditório. Mas não é. Enquanto grande parte dos indicadores socioeconômicos do País piorou nos últimos dez anos, a situação de quase todos os estados brasileiros, exceto o Maranhão, melhorou (ou ao menos não piorou). O Índice dos Desafios da Gestão Estadual (IDGE), da consultoria Macroplan, especializada em cenários futuros e gestão pública, avaliou um conjunto de 31 indicadores de dez áreas (educação, saúde, segurança, juventude, capital humano, infraestrutura, desenvolvimento econômico, desenvolvimento social, condições de vida e institucional). Resultado: as unidades da federação e seus respectivos governadores fizeram relativamente bem a lição de casa entre 2019 e 2021. Então, como explicar que o Brasil ficou mais pobre no mesmo período? Para o cofundador e um dos coordenadores do estudo, Gustavo Morelli, a resposta envolve gestão e busca por equilíbrio fiscal — e a Lei de Responsabilidade Fiscal colaborou muito para isso. "Queríamos provar que existem boas experiências espalhadas pelo País." Segundo ele, até pelo tamanho e problemas de um país tão distinto, o indicador não apontou um 'estado perfeito'. "Mas se pegarmos uma coisa de cada um, conseguimos construir um modelo bastante eficiente."

No caminho da busca por excelência, o estudo sugere que será preciso aprimorar a forma de gestão dos governadores. Segundo Adriana Fontes, também coordenadora do estudo, o caminho para que os estados continuem a evoluir, independentemente do governo federal, é assumir o protagonismo na condução e criação de políticas públicas. Cabe ao governador priorizar as estratégias adequadas para seu estado, desenvolver políticas de

 | FOTOS: THIAGO ZANUTIM | DANILO VERPA / FOLHAPRESS

CUIDADOS
Governadores precisam tomar as rédeas e fazer suas próprias políticas públicas para enfrentar as mazelas de seu estado sem depender só do governo federal

Os desafios que estão postos para os próximos anos demandam um salto de patamar na gestão, inovações e execução de políticas públicas”

ADRIANA FONTES
COORDENADORA DO ESTUDO DA MACROPLAN

Não há nenhum estado perfeito, mas queríamos provar que existem boas experiências espalhadas pelo País”

GUSTAVO MORELLI
COFUNDADOR DA MACROPLAN

longo prazo e evitar as ações fragmentadas, geralmente eleitoreiras, com capacidade mínima de transformação. “Os desafios que estão postos para os próximos anos demandam um salto de patamar na gestão, inovações na forma de executar as políticas públicas e uma estratégia de desenvolvimento coordenada para melhoria dos indicadores socioeconômicos”, afirmou a pesquisadora.

E tudo isso precisa acontecer num cenário nacional desafiador. Foram pelo menos 9,6 milhões de pessoas que entraram na linha de pobreza nesse período. E talvez essa inglória marca apareça no estudo pelo abismo que corta de Norte a Sul o Brasil. Entre os dez primeiros colocados no ranking geral do IDGE não aparece nenhum estado do Norte e Nordeste. Distrito Federal, Santa Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná são os primeiros colocados entre as 27 unidades. Com mais espaço para se desenvolver, os estados de Alagoas (+6), Tocantins (+5) e Piauí (+3) foram os destaques positivos de evolução geral. No sentido oposto estão aqueles que mais perderam posições no período: Roraima (-11), Sergipe (-4), Rio de Janeiro (-3) e Pernambuco (-3).

No entanto, mesmo os estados com as melhores posições demonstram que há muito a avançar. Por exemplo: 26 unidades da federação não alcançaram uma cobertura de creche superior a 50%, meta estipulada pelo Plano Nacional de Educação (PNE) para 2024. A proficiência média do Ensino Fundamental II diminui em 22 deles entre 2019 e 2021 e o percentual de jovens (25-29 anos) com ensino superior completo caiu em dez entes entre 2020 e 2021. Um desastre que começa na primeira infância e termina com adultos subutilizados e uma economia que não deslancha.

O DESEMPENHO DOS ESTADOS

O Índice dos Desafios da Gestão Estadual aponta o DF na liderança e o Maranhão na lanterna

	UF	Índice	Variação no ano	Variação de posições na década
1	DF	0,669	- 0	↑ 1
2	SC	0,650	- 0	↑ 1
3	SP	0,646	- 0	↓ -2
4	RS	0,614	- 0	- 0
5	PR	0,605	- 0	↑ 1
6	MG	0,573	- 0	↑ 1
7	ES	0,551	- 0	↑ 1
8	RJ	0,541	- 0	↓ -3
9	MS	0,538	↓ -1	- 0
10	GO	0,528	- 0	- 0
11	MT	0,501	- 0	- 0
12	RN	0,447	↑ 1	- 0
13	RO	0,446	↓ -1	↑ 2
14	CE	0,441	↑ 1	↑ 1
15	TO	0,436	↓ -1	↑ 5
16	PB	0,426	↑ 1	↑ 1
17	PE	0,416	↓ -1	↓ -3
18	BA	0,413	- 0	↑ 1
19	AL	0,406	↑ 1	↑ 6
20	PI	0,402	↑ 1	↑ 3
21	AP	0,397	↑ 3	- 0
22	SE	0,395	↓ -3	↓ -4
23	AM	0,388	- 0	↓ -1
24	RR	0,370	↓ -3	↓ -11
25	AC	0,369	↑ 1	↓ -1
26	PA	0,357	↓ -1	- 0
27	MA	0,348	- 0	- 0

Fonte: consultoria Macroplan

PANDEMIA E GUERRA NA UCRÂNIA FAZEM A EUROPA REVER O PAPEL DO ESTADO, MAS O QUE FUNCIONA POR LÁ QUASE NUNCA TEM O MESMO EFEITO NA PARTE DEBAIXO DA LINHA DO EQUADOR

O NEOESTATISMO É BOM PARA O BRASIL?

Paula CRISTINA

De tempos em tempos uma nova moda, geralmente incitada por algum político da Europa e/ou dos Estados Unidos, passa a dominar as discussões sobre os caminhos do mundo. O neoliberalismo, por exemplo, ganha força mundial quando Margareth Thatcher no Reino Unido e Ronald Reagan nos Estados Unidos passam a levar seus respectivos mandatos nessa direção. Antes disso o keynesianismo virou a palavra da vez na Europa atravessada por duas guerras e foi endossado pelo plano Marshall do governo Henry Truman, nos Estados Unidos. Outros momentos, outros contextos, mas o mesmo discurso e agora o termo em voga é o neoestatismo. Um modelo econômico em que governos priorizam ter sob sua tutela bens e serviços de necessidade básica e interesse nacional, como energia e água, além de ter a licença poética de intervir na economia mais vezes e deixar menos livre a mão invisível do mercado. A decisão parece sábia para uma Europa que experimenta inflação alta e possibilidade real de recessão generalizada após a pandemia e uma guerra que interromperam o abastecimento de serviços básicos e travaram a economia. Mas será que faz sentido para o Brasil?

Segundo o sociólogo, escritor e professor da King's College London, o italiano Paolo Gerbaudo, a resposta é não. "Essa história de repetir modelos que dão certo em países tão diferentes e esperar o mesmo resultado é um erro", disse à DINHEIRO. E a lógica é exatamente essa. Não dá para querer um Natal com neve como aparecem nos filmes em um calor de 39º em Copacabana. Essa lógica parece atravessar a saga brasileira. Quando a Europa resolveu ser desenvolvimentista após a segunda Guerra Mundial, o governo militar brasileiro tratou de acompanhar a moda. Quando a bola da vez foi o neoliberalismo, o Brasil elegeu Fernando Collor de Mello como o homem que abriria o Brasil para o mundo. Fez isso, de certa forma, em especial na indústria automobilística. Mas tomou a atitude mais autocrática e estatizante que existe, a de congelar dinheiro em banco.

ram seus respectivos cargos usando o slogan da reconstrução. "Reconstruir só tem um sentido. Evoca sensação de responsabilidade no cidadão e uma paternidade do Estado. Não é à toa", disse Gerbaudo.

DESCONTRUÇÃO De acordo com ele, o neoliberalismo ajudou a "desconstruir" o papel do Estado, e tanto um país ultraliberal como os Estados Unidos quanto um emergente desenvolvimentista vão usar essa narrativa. "A recente invasão dos Três Poderes no Brasil e o que aconteceu no Capitólio um ano antes é a maior expressão da capacidade de desconstrução de um neoliberalismo descontrolado." Os EUA vão tentar frear esse movimento, ainda que em sua história não tenha havido presidente relevante que não fosse liberal. No Brasil, Lula tentará travar um projeto de poder que se fantasiava de liberal, mas, na essência, remontava aqueles mesmos militares que, nos anos 1970, endividaram o País, esconderam as notas promissórias e, na redemocratização, ainda descolaram uma anistia.

Para Gerbaudo, o mundo pós-pandemia mudou demais, e isso trouxe à tona novas formas de olhar as relações da direita, da esquerda e do Estado nessas situações. "As pessoas na Europa precisavam se sentir mais acolhidas. Pela direita, a proteção é contra os imigrantes e ganha espaço o rico que quer conservar seus privilégios", disse o professor. "Já na esquerda, a proteção significa que o Estado assuma algumas responsabilidades, em especial as que garantam serviços básicos com preços acessíveis." Há ainda uma narrativa de centro, que defende a proteção dos cidadãos contra o a chegada da economia digital, prometendo manutenção dos empregos e direitos aos trabalhadores. Todas esses pressupostos jogam no Estado um papel de protagonismo maior que no neoliberalismo.

Autor do livro *The Great Recoil: Politics after Populism and Pandemic*, Gerbauso diz que os países emergentes, em geral, já possuem governos com um grau de interferência na economia maior que os países desenvolvidos. Por isso a forma de entender o neoestatismo no Brasil, na China ou Índia, precisa ser diferente. "Enquanto a Alemanha estuda fundar uma estatal de energia ou comprar de volta no mercado, o Brasil discutia vender sua estatal. São momentos distintos."

Mas há algo no pós-pandemia que parece unir superpotências, como os Estados Unidos, e emergentes, como o Brasil. Tanto o sucessor de Donald Trump quanto o de Jair Bolsonaro assumi-

DÚVIDA ESTRATÉGICA
Países precisam decidir como lidar com seus seus serviços primários, como energia e combustível

MUDANCA DE EQUILÍBRIO Medida Provisória que será discutida pelo Congresso pode mudar voto de empate, que antes beneficiava contribuintes

QUESTÃO DE EMPATIA

BANCOS POSSUEM CERCA DE R$ 100 BILHÕES EM PENDÊNCIAS FISCAIS NO CONSELHO ADMINISTRATIVO DE RECURSOS FISCAIS

Fagundes SCHANDERT

No dia 9 de fevereiro, o plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) considerou constitucional o artigo 139 do Código Civil que permite a proibição de participação em concursos e licitações públicas e a suspensão do passaporte e da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) em casos de inadimplência, desde que resguarde a dignidade humana e os princípios da proporcionalidade e da razoabilidade. Na prática, a decisão autoriza juízes de instâncias inferiores a adotarem medidas coercitivas em processos judiciais contra caloteiros contumazes. São diversos os casos, por exemplo, de condomínios que entram na Justiça contra devedores de mensalidades, em que os síndicos comprovam o poder de pagamento dos inadimplentes com fotos nas redes sociais de automóveis de luxo ou de viagens internacionais. Por outro lado, os juízes ao considerarem os princípios da proporcionalidade e da razoabilidade não podem bloquear a CNH de caminhoneiros ou motoristas de aplicativos, que dependem da profissão para honrar seus compromissos. Em outras palavras, os juízes terão que praticar a empatia para que a Justiça possa punir os maus pagadores, e ao mesmo tempo, preservar pessoas físicas com dificuldades momentâneas de renda.

GRANDES DEVEDORES Se o governo federal tivesse o mesmo poder da Justiça para bloquear os inadimplentes, a situação do caixa provavelmente seria outra. Embora o Tesouro pague religiosamente os juros de sua dívida de R$ 5 trilhões ao mercado, a Receita Federal enfrenta dificuldades para receber os impostos de poucos contribuintes, alguns casos estão pendentes há décadas. Segundo dados da Receita Federal, empresas e instituições possuem um passivo tributário superior a R$ 1 trilhão concen-

MEDIDAS COERCITIVAS
No dia 9, o plenário do STF considerou a validade da suspensão da CNH e do passaporte de inadimplentes

trado em grandes devedores. Desse montante, 160 processos com valores superiores a R$ 1 bilhão totalizam R$ 444 bilhões; 1.250 processos com valores entre R$ 100 milhões e R$ 1 bilhão somam R$ 337 bilhões; 4.507 casos com montantes entre R$ 15 milhões e R$ 100 milhões; e 52.352 pendências fiscais entre R$ 52.352 e R$ 15 milhões. Segundo profissionais de escritórios jurídicos consultados pela DINHEIRO, somente o setor bancário possui pendências de cerca de R$ 100 bilhões com o Fisco, com base nos formulários de referência entregues a reguladores.

Para o sócio da área tributária do Cescon Barrieu Advogados Hugo Leal, as principais disputas dos bancos com a Receita estão relacionadas com casos antigos. "A amortização de ágio em fusões e aquisições para fins fiscais é um tema que não está pacificado no Carf (o Conselho Administrativo de Recursos Fiscais)", afirmou. Leal explicou que a Receita Federal sempre cobra o Imposto de Renda (IR) nessas operações, e que bancos e empresas contestam essa cobrança. "Com o voto de qualidade previsto na medida provisória (MP) 1.160 de 12 de janeiro, o empate que antes era favorável ao contribuinte, agora pode tender para o arrecadador", disse.

O Carf é um órgão colegiado de governo, não um tribunal, onde os contribuintes possuem metade dos assentos (quatro) e a Fazenda, outros quatro. Leal aponta a possibilidade de o Ministério da Fazenda conseguir controlar o órgão por meio do voto de qualidade do presidente do Carf com a aprovação da MP pelo Congresso. "Os contribuintes estão conseguindo, por meio de recursos, adiar as votações até que a MP seja votada pelos parlamentares. Se aprovada como está, a MP do voto de qualidade favorece a Fazenda transformando o Carf num órgão arrecadador do governo", afirmou.

Questionado por exemplos no setor bancário, Leal citou a aquisição do Unibanco pelo Itaú, em 2008. "A discussão neste caso é sobre o imposto sobre ganhos de capital na aquisição do Unibanco. O valor (atualizado) é de R$ 70 bilhões e o julgamento do caso do Itaú está suspenso no Carf por uma decisão da Justiça", disse.

> **"Se aprovada como está, a MP do voto de qualidade favorece a Fazenda transformando o Carf num orgão arrecadador do governo"**
>
> **HUGO LEAL**
> SÓCIO DO CESCON BARRIEU

Mariana Dias Arello, advogada tributarista da Briganti Advogados, também citou que a Receita está cobrando de grandes bancos o Imposto de Renda que incide sobre o pagamento de bônus para executivos e funcionários do setor. "A Receita entende que na maioria dos casos, o pagamento de participação nos lucros é salário disfarçado, que não está recolhendo IR", afirmou. A advogada avalia a MP do voto de qualidade que será discutida no Congresso, passará por modificações antes de ser aprovada. "Na maioria das disputas, a jurisprudência não está consolidada", afirmou. "No Congresso, a previsão é que a MP seja aprovada desde que exista acordo entre a Fazenda e o contribuinte", disse. Mariana explica, que na possibilidade de acordo entre as partes, o contribuinte deixará de pagar multas e juros e poderá parcelar o principal. "É como um Refis", disse.

Porém, mesmo com as eventuais mudanças no Congresso, Mariana acredita que grandes empresas e bancos vão continuar recorrendo na Justiça nos casos de somas bilionárias. Hugo Leal, do Cescon Barrieu, também aponta para essa mesma tendência. "Os contribuintes estão ganhando mais causas indo para a Justiça", afirmou Leal. Nessa toada, só vai restar ao governo pedir na Justiça o bloqueio da CNH e do passaporte dos banqueiros e empresários.

REVOLUÇÃO NAS ASSESSORIAS

RESOLUÇÕES 178 E 179 DA COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS TERÃO IMPACTOS SOBRE A ATIVIDADE DOS AGENTES DE INVESTIMENTOS

Jaqueline MENDES

Depois de três anos de debates intensos no mercado, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), a autarquia que fiscaliza as instituições que atuam na comercialização de aplicações financeiras, finalmente entregou no dia 14 de fevereiro as resoluções 178 e 179 que estabelecem um novo marco regulatório para assessorias de investimentos e agentes comissionados. As mudanças serão graduais. A resolução 178 e parte da 179 entram em vigor em 1º de junho de 2023 e os trechos remanescentes a partir de 2 de janeiro de 2023. Mas já causam alvoroço entre os participantes. Para o investidor pessoa física, a principal mudança será o recebimento de um extrato detalhado trimestral das remunerações pagas, onde será possível comparar o custo para aplicar os recursos em cada produto de investimento.

O superintendente de Desenvolvimento de Mercado da CVM, Antonio Berwanger, disse que as alterações buscam promover transparência para toda cadeia de distribuição. "É necessário ter as ferramentas para identificar eventuais conflitos de interesses e os incentivos que possam estar presentes na distribuição de produtos financeiros", afirmou Berwanger, em nota.

Segundo o superintendente da Associação Brasileira de Agentes de Investimentos (ABAI), Francisco Amarante, essas medidas possibilitaram uma maior competição entre os bancos e as diferentes corretoras, plataformas e os escritórios de assessoria. "O marco regulatório trará mais transparência para o investidor", afirmou. Amarante completou que as duas resoluções alcançam 22 mil profissionais e 1.250 escritórios.

Na avaliação do sócio-fundador do Champs Law, Guilherme Champs, que atende agentes e escritórios associados à ABAI, o texto final trouxe mais segurança ao aplicador ao exigir um diretor-responsável nos escritórios. "O investidor ganha mais uma camada de proteção e terá diversas informações adicionais que antes não eram obrigatórias", afirmou.

Na visão do CEO do escritório de family-office Vita Investimentos, Ricardo Guimarães, que é um estudioso desse mercado nos EUA há 10 anos, com as mudanças feitas pela CVM haverá alterações na forma dos investidores remunerarem os assessores. "Os grandes players [XP e BTG] estão plenamente adaptados para esse novo modelo de remuneração. O investidor poderá escolher entre pagamento de comissões ou de um fee mensal", afirmou. "A tendência no Brasil é de crescimento das consultorias de planejadores financeiros, de patrimônio, e de seguros, como aconteceu nos EUA", disse.

IMPACTOS Mas por outro ângulo, Guillherme Champs aponta maiores despesas para os escritórios atenderem todas as regras exigidas pela CVM. "Terá um custo de observância maior", disse. O advogado também considera que ocorrerá um processo de formalização do trabalho dos chamados "agentes autônomos" nos médios e grandes escritórios, o que tende a diminuir a competitividade do segmento em relação aos bancos tradicionais. "A parte trabalhista tem um custo alto, são diversos encargos. Isso vai gerar uma série de ajustes nos escritórios. Na formalização CLT, a tendência é de um salário fixo menor e uma comissão adicional baseada em resultados", afirmou o advogado.

Outro ponto de atenção será a transformação do setor. Na avaliação do presidente da CVM, João Pedro Nascimento, o texto final traz avanços como o fim da obrigação de exclusividade dos agentes com as plataformas. "Além da possibilidade de as pessoas jurídicas se organizarem sob qualquer tipo societário admitido na legislação em vigor", afirmou Nascimento, em nota.

Sobre essa questão, a diretora jurídica e de compliance da EQI Investimentos, Caroline Fernandes, prevê uma movimentação de fusões e aquisições entre os escritórios. "Com a permissão da entrada do sócio-investidor e o fim da exclusividade, muitos escritórios podem se unir, ou os grandes podem comprar participações nos menores para ganhar escala", disse. Caroline aponta que as maiores plataformas (XP e BTG) terão que remunerar melhor as assessorias para que elas não se tornem corretoras ou gestoras. "A EQI abriu esse caminho às menores", afirmou a diretora, referindo-se ao fato da EQI, assessoria atualmente contratada pelo BTG, ter sua própria gestora, a EQI Asset.

Entre os escritórios maiores que já possuem tamanho para planos mais ambiciosos, o CEO da InvestSmart, Samyr Castro, conta que pretende espalhar mais unidades por todo o Brasil. "Nós temos 72 escritórios e a nossa ideia é chegar no final do ano com R$ 22 bilhões sob custódia e 100 escritórios. Qualquer cidade com mais de 100 mil habitantes, nós temos interesse em estar lá", afirmou. A InvestSmart quer dobrar o número de assessores de 1 mil para 2 mil nos próximos 2 anos.

Com a permissão do sócio-investidor, escritórios podem se unir, ou os grandes comprar participações nos menores

CAROLINE FERNANDES
DIRETORA JURÍDICA DA EQI

Qualquer cidade com mais de 100 mil habitantes, nós temos interesse em estar lá com escritórios

SAMYR CASTRO
CEO DA INVESTSMART

Mercado de palpites sobre jogos esportivos vai movimentar R$ 12 bilhões este ano. Desafios são regulamentação e manipulação de resultados

Beto SILVA

Pátria de chute

Dos 40 clubes das Séries A e B do Campeonato Brasileiro de futebol, 37 são patrocinados por casas de apostas on-line. Significa que 92,5% das equipes da modalidade mais popular do País são financiadas por empresas do setor, que chegam a pagar até R$ 30 milhões por ano a um único time. É algo sem precedentes na história do esporte nacional. Há briga por espaços em placas de publicidade em volta dos campos. Mais do que isso, as plataformas patrocinam torcidas organizadas, campeonatos de vários esportes e estão com ações de marketing no Big Brother Brasil (BBB), em trios elétricos e blocos de Carnaval. O terreno foi conquistado em pouco mais de quatro anos de atuação no País, já que o decreto que autoriza a exploração de casas de apostas digitais é do final de 2018. Por aqui, esse mercado movimentou R$ 9,8 bilhões ano passado e tem projeção de alcançar R$ 12 bilhões este ano, segundo a consultoria BNL Data, especializada no segmento. Globalmente, em 2022 foram US$ 83,6 bilhões, de acordo com relatório da Grand View Research, multinacional de análise de dados corporativos. E deve crescer a uma taxa média anual acima de 10% de 2023 a 2030, batendo US$ 182,1 bilhões.

Essa escalada tem mais de uma explicação. O estudo da Grand View aponta que uma delas é a infraestrutura de internet cada vez mais segura e disseminada. Outra é a influência dos grandes eventos esportivos em todo o mundo, como a Copa do Mundo da Fifa, a Uefa Champions League e a NFL (liga de futebol americano). Uma terceira frente vem acompanhada de um grande desafio: a regulamentação do setor. Ela tem ocorrido em diversos países, mas no Brasil está travada desde a promulgação da lei 13.756, de 12 de dezembro de 2018, assinada pelo então presidente Michel Temer, que autorizou a modalidade lotérica denominada "apostas de quota fixa". É onde se enquadram as apostas esportivas on-line. Está determinado nessa legislação que o Ministério da Economia (rebatizado da Fazenda) regulamentaria o setor no prazo de até quatro anos. Expirou em 12 de dezembro de 2022. E até agora nada.

Galvão Bueno é uma das celebridades do mundo esportivo que as casas de apostas contratam como embaixadores para dar credibilidade ao negócio

teiras digitais

A gestão Jair Bolsonaro iniciou debates sobre o tema, mas esbarrou na pressão de alas conservadoras com forte influência durante sua administração, como os evangélicos. A equipe de Luiz Inácio Lula da Silva esboça retomar a conversa, mas com outra motivação: as recentes denúncias de manipulação de jogos (*ver o quadro* Resultado de jogos sob suspeita, *ao final do texto*). Paralelamente, tramita no Congresso Nacional o Projeto de Lei 442, de 1991. Foi aprovado pela Câmara ano passado e está em análise no Senado. Esse dispositivo é mais abrangente, pois legaliza jogos de azar como cassinos, bingos e até jogo do bicho.

A regulamentação ou o avanço do PL 442/91 traria benefícios ao setor, de acordo com especialistas e operadores. Para o advogado Fernando Gonçalves, sócio-fundador do escritório FGo Legal e especialista em Direito Empresarial e Econômico, o vácuo da legislação abre espaço para especulação. "É preciso acelerar o debate, pois ninguém sabe o tamanho real desse mercado", disse. "São dezenas de bilhões de reais sendo movimentados. Cadê a arrecadação de impostos sobre isso?" A resposta é uma incógnita. Hoje, para atuarem no Brasil, as casas de apostas têm de ser licenciadas em offshore fora do País e fazem remessas diárias para o exterior das receitas que recebem com as apostas. O único imposto recolhido é o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras). Nas operações de transferência internacional de mesma titularidade e aquisição de moedas em espécie, a alíquota é de 1,1%. A reportagem da DINHEIRO indagou o Ministério da Fazenda sobre quanto foi arrecadado com IOF das casas de apostas desde 2018. A resposta: "Não há como segregar, na arrecadação do tributo, o item específico solicitado na demanda." A Pasta não disse como fiscaliza a atuação dessas companhias e confirmou que a regulamentação está em estudo.

Segundo a Receita Federal, existem hoje no Brasil 17.252 casas de bingo — que funcionam com autorização do governo ou da Justiça —, 264 locais de exploração de apostas em corridas de cavalo e 484 de

Série A	
América-MG	EstrelaBet
Atlético-PR	Betsson
Atlético-MG	Betano
Bahia	Esportes da Sorte
Botafogo	Pari Match
Bragantino	Mr Jack bet
Corinthians	Pixbet
Coritiba	Dafabet
Cruzeiro	Betfair
Cuiabá	Não tem
Flamengo	Pixbet
Fluminense	Betano
Fortaleza	Não tem
Goiás	Esportes da Sorte
Grêmio	Mr Jack bet
Internacional	EstrelaBet
Palmeiras	Betfair
Santos	Pixbet
São Paulo	Sportsbet.io
Vasco	Pixbet

Série B	
ABC	Esportes da Sorte
Atlético-GO	Blaze.net
Avaí	Pixbet
Botafogo-SP	EstrelaBet
Ceará	EstrelaBet
Chapecoense	BRbet.com
CRB	EstrelaBet
Criciúma	EstrelaBet
Guarani	Esportes da Sorte
Ituano	Betfast.io
Juventude	Pixbet
Londrina	Esportes da Sorte
Mirassol	Bet7k
Novorizontino	Esportes da Sorte
Ponte Preta	EstrelaBet
Sampaio Corrêa	Pagbet
Sport	Betnacional
Tombense	Não tem
Vila Nova	Esportes da Sorte
Vitória	Betnacional

exploração de jogos de azar e apostas não especificados. As casas de apostas esportivas on-line são geralmente registradas no exterior. Se houver alguma reclamação ou conflito entre apostador e casas de apostas, esqueça entidades de defesa do consumidor como o Procon. Segundo o advogado Fernando Gonçalves, esses possíveis desentendimentos, a princípio, são solucionados entre as partes. Se não houver resolução pacífica, um tribunal no exterior deve ser acionado pelo reclamante. "Pois a aposta efetivamente está sendo feita lá fora", disse o especialista, ao ressaltar que não vê esse tipo de problema ainda porque "os operadores são muito sérios" e "não querem criar uma imagem de insegurança" para os apostadores.

Parte considerável do sucesso do setor em tão pouco tempo de Brasil, e que justifica os investimentos milionários dessas empresas em marketing, é a alta incidência de pagamentos de prêmios. As maiores casas de apostas do País possuem 7 milhões de clientes cadastrados. Quase todos já ganharam alguma aposta feita em sites e apps. Não significa que ficaram ricos. Para pequenas apostas, pequenos prêmios. O payout — porcentagem do dinheiro apostado que volta para os apostadores, com um cálculo feito para definir a margem de lucro das casas de apostas — está entre 90% e 98%. Para efeito de comparação, a Caixa paga como prêmio bruto 43,35% da arrecadação da Mega Sena. Uma boa margem para a operadora, mas contempla poucos ganhadores, com um alto valor. Segundo pesquisas de mercado, o Brasil tem potencial para 30 milhões de apostadores.

MARKETING COM POMPA
Anúncio da parceria entre a Pixbet e o Corinthians foi feito em telões da Times Square, nos Estados Unidos

PUBLICIDADE Mover essa engrenagem leva consequentemente ao alto investimento em propaganda. O que inclui associar as marcas a celebridades, para dar credibilidade ao setor e se diferenciar dos concorrentes. O narrador Galvão Bueno (Pixbet), o melhor jogador brasileiro em atividade, Vini Jr. (Betnacional), do Real Madrid, o lateral-esquerdo Marcelo (SportingBet) e os ex-futebolistas Ronaldo Fenômeno (Betfair) e Adriano Imperador (Betpix365) são algumas das caras que estampam a publicidade das casas de apostas. Estudo da consultoria de data science Ilumeo revelou que nessa corrida por atrair apostadores a Bet365 tem a maior presença na cabeça dos consumidores. É conhecida por 86% do público, seguida de Betano (72%), SportingBet (72%) e Betfair (56%).

Fundador e head of Science and Projects da Ilumeo e professor de gestão de marcas da USP, Otávio Freire avalia como correta a estratégia de legitimar as apostas por meio de ídolos do futebol. "Faz o consumidor associar algo que ele já tem na cabeça [celebridade ou instituição] com o que ele nunca viu na vida [casa de apostas]", disse. Para ele, a presença dessas companhias em patrocínios e parcerias com clubes, eventos e personalidades vai continuar ao longo dos próximos anos.

Com patrocínio de sete clubes das Séries A e B do Brasileirão, a Esportes da Sorte acabou de firmar o maior contrato da história do Bahia. Válido até 2025, renderá R$ 57 milhões ao clube, R$ 19 milhões por temporada. A empresa também fechou um

AOS OLHOS DO MUNDO
Melhor jogador brasileiro em atividade, o atacante do Real Madrid Vini Jr. é garoto-propaganda da Betnacional

FOTOS: MICHAEL REGAN/GETTY IMAGES VIA AFP | DIVULGAÇÃO

CLUBES EM ALTA
Darwin Filho (à esquerda na foto acima), CEO da Esportes da Sorte, assinou o maior contrato de patrocínio da história do Bahia. Ronaldo Fenômeno tem acordo pessoal com a Betfair, que também estampa a camisa do Cruzeiro

plano publicitário com o reality show BBB 23, da Globo. Para o CEO da Esportes da Sorte, Darwin Filho, a regulamentação é necessária para separar os operadores sérios dos aventureiros. E ainda deve atrair outras empresas que não chegaram ao País porque estão à espera de maior segurança jurídica. "O mercado de apostas brasileiro tem se destacado. Com a regulamentação, os investimentos vão aumentar", disse. Segundo ele, o País está entre os dez maiores mercados globais e tem potencial para estar no Top 3. "Abaixo apenas de EUA e China", afirmou.

CEO da Pixbet, Ernildo Júnior vê o mercado brasileiro com otimismo, apesar de apenas quatro anos de atuação. Segundo ele, regulamentar o setor será importante para a criação de valor. "Esse mercado vai ficar mais competitivo e mais desafiador", disse o executivo da empresa que patrocina seis equipes no Brasil, entre elas Flamengo e Corinthians. O anúncio da parceria com o clube paulista, em dezembro do ano passado, foi feito em telões da Times Square, em Nova York, um dos espaços publicitários mais famosos do mundo. Também em 2022, foi a primeira casa de apostas a comprar uma cota de patrocínio na TV aberta para a Copa do Mundo — avaliada pelo mercado em R$ 176 milhões. Estabeleceu ainda parceria com a Amazon para os clientes receberem dicas de apostas via Alexa, em aporte de R$ 1,2 milhão pelo contrato de um ano. Investimentos em que rendem resultados. "Hoje estamos em um nível de 55 apostas por segundo no horário de pico", disse Júnior.

INGLATERRA A atuação no esporte, em especial o futebol, modalidade em que são feitas 90% das apostas, em média, segundo operadores ouvidos pela DINHEIRO, é só o começo. O Brasil é um mercado promissor e há uma estrada de possibilidades pela frente. Como abrir apostas para adivinhar nomes de bebês de artistas, quando vai nascer, qual será o sexo... Situações passíveis de apostas em países como a Inglaterra, com décadas de atuação desse setor e, portanto, muito mais amadurecido. "São situações mais populares, que estão na boca do povo. Ocasiões em que as pessoas têm maior envolvimento tendem a ter uma relação mais duradoura com a marca", disse Freire. Para Darwin Filho, da Esportes da Sorte, a tendência é avançar para outros segmentos. "Mas ainda não estamos nesse nível de maturação." Com tantas opções aos apostadores, Freire observa que o próprio segmento precisa tomar cuidado para não se canibalizar. "Não pode haver pouca oferta e nem oferta demais. Porque o consumidor acaba se perdendo e ficando numa [empresa] só." Se isso vai acontecer? Façam suas apostas. S

RESULTADOS DE JOGOS SOB SUSPEITA

Tombense, de Goiás, é o único clube da Série B do Brasileirão que não possui patrocínio de casas de apostas. Curiosamente, está envolvido em um suposto caso de manipulação de resultados de três partidas da última rodada do campeonato de 2022. As empresas do ramo, que dependem da lisura dos jogos para atrair mais público, também seriam vítimas do caso que envolve apostadores e jogadores de futebol. O episódio é investigado pelo Ministério Público goiano e pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD). A suspeita é de que um grupo de apostadores procurava atletas para fraudar resultados nos jogos de futebol. Em troca, os jogadores recebiam parte dos prêmios de apostas feitas.

Joseph, zagueiro do Tombense, é um dos investigados pelo MP. O atleta teria recebido dinheiro para cometer um pênalti no primeiro tempo do jogo contra o Criciúma. O jogador, de fato, derrubou um adversário na primeira etapa daquele jogo. Mas nega as acusações. Para o advogado Filipe Senna, sócio do Jantalia Advogados e especialista em Direito de Jogos, as casas de apostas não burlam os resultados. "As manipulações são cometidas principalmente por terceiros, que não estão diretamente vinculados a essas casas." Darwin Filho, CEO da Esportes da Sorte, corrobora. "Para nós isso é muito ruim. As bancas são as principais prejudicadas quando isso acontece", disse ele, ao apontar monitoramento em tempo real das transações e jogos para detectar movimentações atípicas pela empresa parceira, a Sportradar, que também abastece a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) com informações.

Marketing de recompensas:

conquiste, engaje e fidelize clientes

Como fidelizar meus clientes? Como engajar mais? Como me diferenciar e conquistar promotores para a minha marca? Se você é gestor de alguma empresa ou trabalha com marketing, com certeza tem ou já teve essas dúvidas. Em cenários cada vez mais competitivos, é comum que as empresas busquem estratégias capazes de conquistar clientes e estreitar a relação com eles.

E com tanta informação, possibilidades e oportunidades surgindo a todo momento para os consumidores, sai na frente a empresa que consegue desenvolver ações que não só reconhecem a importância do cliente, como também resultam em otimização do engajamento e fidelização. Mas, afinal, o que fazer para destacar a sua marca?

Uma das possibilidades que surgiu no mercado e tem chamado a atenção, principalmente por ser acessível para empresas de todos os tamanhos, é o marketing de recompensas. Essa é uma estratégia de marketing que tem como objetivo estreitar a relação entre a marca e os seus clientes, por meio de um programa de recompensas.

Quais os benefícios de utilizar o marketing de recompensas?

A construção de um relacionamento de confiança entre as marcas e os seus clientes é essencial para qualquer empresa. Um cliente satisfeito pode se tornar um aliado especial, pois pode ser também um divulgador da sua marca.

O que muitas empresas ainda não conseguiram definir é a melhor forma de promover o engajamento e entusiasmar o consumidor a se relacionar mais estreitamente com a marca. Foi nesse contexto que surgiram os programas de fidelidade, em que o cliente adquire produtos ou serviços, ganha pontos e depois pode trocar por benefícios.

Um dos principais desafios nessa estratégia é a dificuldade, para o cliente, em reunir a quantidade de pontos necessária para fazer a troca. Além disso, o programa de fidelidade às vezes generaliza o perfil dos participantes. Por isso, algumas empresas já têm repensado a maneira de recompensar seus clientes.

E qual é esse novo jeito de se relacionar e encantar o seu público?

No Brasil, o marketing de recompensas já tem sido a escolha de grandes empresas do varejo, setor financeiro e até de startups.

A empresa líder nesse segmento é a Minu, que já atua há 14 anos oferecendo soluções com entregas de recompensas instantâneas, sem burocracia ou necessidade de acúmulo de pontos.

A estratégia une inovação, tecnologia e praticidade para oferecer a melhor solução em campanhas de marketing com entrega de recompensas instantâneas, que atendem a diferentes perfis de consumidores. "O marketing de recompensas valoriza a experiência de compra. Ninguém precisa esperar semanas ou até meses para ter a recompensa. O cliente resgata e recebe instantaneamente. Oferecemos um catálogo digital com centenas de parceiros e mais de 600 ofertas para as empresas disponibilizarem aos consumidores, com opções que vão desde créditos em telefonia e internet até descontos em produtos ou serviços de lojas parceiras.", conta o vice-presidente comercial e de marketing da Minu, Oswaldo Oggiam.

No momento em que o consumidor ganha imediatamente uma nova experiência e pode usufruir de maneira fácil e rápida, é muito provável que queira continuar se relacionando com a marca. Então, se a sua empresa procura adquirir ou reter clientes, trazendo retorno positivo, com baixo investimento e alta percepção de valor, o marketing de recompensas pode ser a solução ideal.

O DOCE FERMENTO DA AB BRASIL

DONA DAS MARCAS FLEISCHMANN E OVOMALTINE INVESTE R$ 400 MILHÕES EM EXPANSÃO DE FÁBRICA E ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE EFLUENTES NO INTERIOR DE SÃO PAULO

Angelo VEROTTI

Twinings, Jordans, Mauri e Gran Finale. Marcas que provavelmente passariam despercebidas por consumidores em qualquer padaria ou supermercado no Brasil. Mas basta citar Fleischmann e Ovomaltine para que memórias antigas venham à cabeça. Todas têm em comum o fato de estar sob o guarda-chuva da AB Brasil, multinacional que investe atualmente R$ 400 milhões no País para ampliação da estrutura fabril e a construção de uma estação de tratamento de efluentes em São Paulo, onde estão os seus negócios. "Somos os líderes em fermento, em misturas para bolo, em ovos, embalagem UHT. Temos a marca que mais cresce em chantilly [Fleischmann Gran Finale]. Os nossos negócios são bem diversificados", disse à DINHEIRO Danilo Nogueira, presidente da AB Brasil.

80%
FOI O PICO DE VOLUME DE PREPARAÇÃO DE PÃES CASEIROS ATINGIDO NA PANDEMIA. ANTES, NÚMERO ERA DE 20%

A AB Brasil é, desde 2005, uma empresa da Associated British Food (ABF), quarto maior grupo produtor de alimentos da Europa, com faturamento de US$ 22 bilhões no ano passado. As operações pelo mundo empregam 118 mil funcionários em 47 países. No Brasil são 900 colaboradores distribuídos por unidades na capital paulista, além de cidades pelo interior do estado, como Jundiaí, Sorocaba e Pederneiras, na região de Bauru. São produzidas anualmente mais de 120 toneladas de ingredientes alimentícios.

Desde o advento da pandemia ao Brasil, em 2020, o negócio de fermento é o que mais ganhou força no mercado brasileiro. Antes da crise sanitária, 20% dos lares preparavam pães caseiros, volume que atingiu pico de 80% durante o período de isolamento. Para facilitar a vida dos novos cozinheiros, a empresa lançou o kit Pão Pronto, que dispensa a sova, um dos principais desafios para quem prepara pão, além do Super Fleischmann, uma mistura de fermento biológico e enzimas, para o pão crescer até 20% mais. "Mas enxergamos oportunidade de crescimento em todos os negócios."

A expansão da capacidade fabril é uma das principais estratégias diante do aumento das vendas para indústria de alimentos, comércio (padarias e confeitarias) e varejo, os focos da AB Brasil. Os três segmentos puxaram o faturamento de R$ 1 bilhão em 2021. "Em 2023, deveremos repetir o crescimento médio de um dígito", disse Nogueira. E, para dar conta do avanço da demanda, a planta em Pederneiras ganhará 30% mais de capacidade ao término da ampliação, neste ano. No local são produzidos fermentos, mistura para

pães e bolos, recheios e coberturas, incluindo cremes vegetais como chantilly.

As transformações na fábrica em Pederneiras envolvem também sustentabilidade e preservação do meio ambiente. Dos R$ 400 milhões investidos conjuntamente pela AB Brasil e pela ABF na fábrica, R$ 300 milhões são direcionados à construção de uma estação de efluentes. A ideia visa eliminar produtos contaminantes presentes em líquidos residuais antes de serem devolvidos à natureza ou reutilizados para outros fins não potáveis. "As empresas como um todo ganharam esse foco muito relevante dentro do ESG. E a gente colocou nesse investimento a grande iniciativa do grupo com sustentabilidade", disse Nogueira.

Uma parte da estação de efluentes já está em operação na planta interiorana e tem contribuído para a redução do consumo de energia. "A estação consegue reaproveitar parte do resíduo para gerar energia que abastece a própria fábrica. "Atualmente, já temos 25% do consumo de energia da fábrica gerado a partir do resíduo que ela produz." Já na planta de Sorocaba são fabricados ovos e derivados de ovos pasteurizados.

O crescimento dos negócios da AB Brasil se estendeu ao mundo digital. Em novembro, a empresa anunciou o lançamento de um marketplace voltado exclusivamente ao mercado B2B de panificação. A Panishop, desenvolvida em parceria com a Infracommerce, ecossistema para e-commerce, conecta distribuidores a donos de padarias. Inicialmente, o projeto funciona de forma piloto com 200 padarias em São Paulo. A vitrine tem mais de 180 produtos, como fermentos e recheios.

A AB Brasil fornece basicamente todos os ingredientes que uma padaria precisa para produzir os pães e os bolos que coloca na sua vitrine. "O marketplace também comercializa produtos de marcas que não são concorrentes ao portfólio da AB Brasil mas, sim, complementares, como margarinas", afirmou o presidente. Uma forma de trazer os distribuidores para dentro do modelo de negócio e de fazer o fermento da AB Brasil crescer ainda mais. S

"Somos os líderes em fermento, em misturas para bolo, em ovos. E temos a marca que mais cresce em chantilly"

DANILO NOGUEIRA, PRESIDENTE DA AB BRASIL

NUVEMSHOP MIRA NAS ALTURAS

NOVO PATAMAR Cofundador da startup, Alejandro Vázquez busca clientes de médio porte para a plataforma

PARA CRESCER, PLATAFORMA DE E-COMMERCE BUSCA VAREJISTAS MAIS MADUROS E COM VENDAS ENTRE R$ 1,2 MILHÃO E R$ 120 MILHÕES POR ANO

Lara SANT'ANNA

Em pouco mais de uma década, o e-commerce saltou sua participação no varejo de 1% para 12% no País. O crescimento é consistente, mas o comércio virtual ainda é pulverizado e nas mãos de nanicos. Ainda assim, o setor deve crescer 20% ao ano, de acordo com projeções da Statista. O cenário promissor faz players ajustarem a estratégia. Como a startup argentina Nuvemshop. Em 2011, a plataforma de e-commerce passou a oferecer soluções simples para que o pequeno comerciante da América Latina passasse a vender on-line e hoje é avaliada em US$ 3,1 bilhões. Com uma base de mais de 100 mil lojas, ela quer alcançar 1 milhão de clientes, tendo o Brasil como principal mercado. Para isso, vai ampliar o foco e mirar também

 | FOTOS: CLAUDIO GATTI | ISTOCK

a captação de médias empresas, com faturamento mensal de até R$ 10 milhões. "Estamos colocando mais esforços no segmento de grandes contas que requerem produtos e serviços diferenciados", disse Alejandro Vázquez, cofundador da Nuvemshop.

Para atrair os varejistas mais estruturados, a empresa criou a Nuvemshop Next, unidade de negócios dedicada. Entre as soluções, oferece aplicativos exclusivos que podem ser adicionados à operação da loja e atendimento diferenciado. Atualmente algumas centenas de clientes integram esse perfil, mas a médio prazo a expectativa é que o número chegue a milhares. "A ambição é grande", disse Vázquez. Considerando que parte da receita da startup vem de uma taxa por venda dos clientes, focar em quem vende mais é bom negócio.

Antes de atender às necessidades do médio varejo, a Nuvemshop teve de se estruturar em pontos importantes do setor, como meios de pagamento e logística. Na primeira frente, a empresa investe no Nuvem Pago, sistema integrado às lojas. Em 2022, o serviço processou mais de R$ 640 milhões em vendas entre os 15 mil empreendedores brasileiros que o utilizam. Já o Nuvem Pay é um sistema que armazena informações de faturamento do cliente para compras futuras, agilizando o processo de pagamento. Com ele, Vázquez afirma que a conversão no checkout cresce 7%. Em um cenário em que a taxa de conversão é um problema apontado por 71% dos varejistas, de acordo com pesquisa feita pela startup, o resultado se torna promissor.

Já na parte logística, a empresa tem mais de 30 soluções, que vão de alternativas de envio com os Correios até parceria com transportadoras. Sempre um desafio pelas exigências de entregas cada vez mais rápidas a preços cada vez mais baixos. Por isso, em 2021 a Nuvemshop comprou a plataforma Mandaê, com foco em solucionar, principalmente, a questão dos custos, tida como desafio por 33% dos varejistas. Ao longo de 2022, a Mandaê entregou 4,8 milhões de encomendas, 10% a mais que no ano anterior. "Isso faz parte da nossa missão de baixar as barreiras para que os lojistas possam ser competitivos com os grandes varejistas", disse Vázquez.

POTENCIAL Brasil é o principal mercado da Nuvemshop. Previsão é que o e-commerce cresça 20% ao ano

> "Estamos colocando mais esforços no segmento de grandes contas que requerem produtos diferenciados"
>
> **ALEJANDRO VÁZQUEZ** COFUNDADOR DA NUVEMSHOP

EDUCAÇÃO Além da aquisição de novos clientes, a manutenção de sua base é fundamental e essa é formada pelos pequenos, que muitas vezes estão tendo a primeira experiência de venda on-line. De acordo com Vázquez, 20% das lojas criadas acabam fechando nos primeiros seis meses. Em compensação, mais de 90% das que atravessam o período de teste conseguem completar mais de dois anos de existência. Para garantir mais longevidade e vendas, parte importante do negócio da startup está no pilar de educação. Além dos cursos gratuitos disponibilizados em seu site, a empresa adquiriu em 2021 a Edtech E-commerce na Prática, que oferece mais de 25 cursos sobre empreendedorismo e tem mais de 50 mil alunos.

Ao longo dos anos, a Nuvemshop já arrecadou mais de R$ 3 bilhões em rodadas de negócios e ganhou posição de destaque em meio às plataformas de e-commerce. Para o futuro, a empresa visa a diversificação do perfil de cliente, desenvolvimento de novas soluções e a entrada na bolsa de valores para continuar o ritmo de crescimento.

Altos custos de produção dos motores Euro 6, juros altos e dificuldade de crédito são apontados como entraves para as vendas na temporada 2023

Angelo VEROTTI

"Não sou pessimista, mas ainda assim é um ano de ajustes"

WILSON LIRMANN
PRESIDENTE DO GRUPO VOLVO AMÉRICA LATINA

CAMINHÕES PUXAM O FREIO

Nos últimos anos, a indústria brasileira de caminhões tem derrapado na subida. No começo da pandemia, sofreu com a falta de componentes, principalmente os que são made in China. Desde o ano passado, os vilões são os juros altos e a escassez de crédito. O que ajudou o setor a não andar para trás foi o agronegócio. Os números mostram esse cenário. O mercado registrou em 2022 a venda de 124,5 mil unidades, ligeira queda de 2,1% sobre os 127,2 mil de um ano antes segundo a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave). E o segmento acima de 16 toneladas (semipesados e pesados), os mais utilizados no campo para transporte de grãos, sucos e combustíveis, por exemplo, foi muito bem, obrigado. Prova disso é a sueca Volvo, líder das categorias pela primeira vez no ano passado. Por só atuar nesses nichos de caminhões de grande porte, a montadora cresceu 10%, de 21,8 mil para 24 mil unidades.

Embora tenha crescido dois dígitos em um mercado geral que encolheu, os resultados ainda não empolgam Wilson Lirmann, presidente do Grupo Volvo América Latina. Ele enxerga no horizonte uma retração da indústria neste ano e uma freada nos negócios da Volvo. Na visão dele, o mercado de caminhões semipesados e pesados deve comercializar 75 mil unidades, queda de 30% na comparação anual — ou quase 23 mil unidades a menos. "Se olharmos para a série histórica, 75 mil unidades não é um mercado ruim. Portanto, não sou pessimista, mas ainda assim é um ano de ajustes", disse.

As previsões de Lirmann se mostram acertadas com base nos números totais do mercado em janeiro. Foram emplacados 10,2 mil caminhões, queda de 15,3% em relação a dezembro de 2022, com 12 mil. A Mercedes-Benz liderou as vendas, com 29,7% de participação, seguida por Volkswagen (21,9%), Volvo (20,3%), Scania (11,7%) e DAF (7,9%).

Apesar da redução nos negócios na abertura da temporada, o presidente da Fenabrave, Andreta Junior, acredita no cresci-

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

DE OLHO NO AGRO
Scania aposta em safra recorde para ampliar as vendas ao setor, que hoje representam 44% dos negócios

mento das vendas ainda no primeiro trimestre. "A mudança de tecnologia para atender o Proconve P8 pode aumentar a procura pelo estoque de modelos com motores Euro 5", disse ele, em referências às novas regras de controle de emissões que passaram a vigorar no mês passado. No entanto, os caminhões com sistema antigo podem ser emplacados até março.

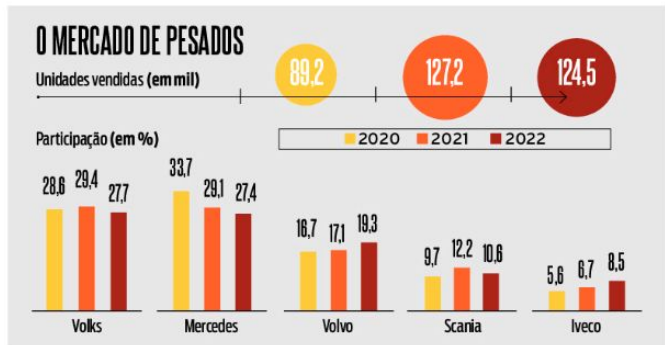
Líder pelo segundo ano consecutivo (2021 e 2022) do mercado nacional, a Volkswagen credita o resultado a uma combinação acertada de veículos e serviços com pós-venda de qualidade. "Temos mantido ciclos consecutivos de investimentos, expandimos a nossa atuação para novos segmentos e reforçamos a oferta nos que já estávamos presentes", afirmou Roberto Cortes, presidente e CEO da Volkswagen Caminhões e Ônibus.

Com 27,7% de participação, a Volkswagen fechou a última temporada apenas 0,5 ponto percentual à frente da Mercedes, vice-líder. Sem detalhar as expectativas para 2023, a montadora anuncia 30 novos caminhões e ônibus focados em "eficiência, conforto, segurança e tecnologia" para ampliar a presença no mercado. Até 2025, a empresa comandada por Cortes realiza ciclo de investimentos de R$ 2 bilhões para lançar tecnologias focadas em mobilidade mais sustentável, como a propulsão elétrica e a melhoria da eficiência energética com redução de CO2.

Com 27,4% de share em 2022, a Mercedes comercializou 34,2 mil caminhões, contra 34,5 mil da líder Volkswagen. Listada na bolsa de valores, a Mercedes disse não poder fazer balanços até a divulgação pela Daimler Truck AG, em março.

Já a Scania vive o desafio de elevar a sua participação no País. A bandeira sueca terminou 2022 na quarta posição, com 10,6% de share e 13,2 mil exemplares negociados, queda de 16% na comparação anual. A justificativa está na crise de semicondutores que afetou a indústria global, principalmente na virada de 2021 para 2022.

O plano da montadora é fechar a temporada "com 14%, 15% de participação", de acordo com Alex Nucci, diretor de vendas de soluções de transporte. E a tarefa mostra-se das mais desafiadoras. A Scania segue estimativa da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) e aposta em queda de 10% a 11% nas vendas em geral em 2023, puxada por "juros altos, mais dificuldade na obtenção de crédito e incremento de ao menos 20% nos preços dos caminhões diante do aumento da tecnologia para Euro 6", segundo ele.

Diante da situação, o agronegócio tornou-se a esperança de dias melhores. O setor é responsável por 44% das vendas da companhia e vive a expectativa de safra recorde em 2023. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a previsão é que sejam colhidas 302 milhões de toneladas de grãos, cereais, leguminosas e oleaginosas, alta de 14,7% (ou 38,8 milhões de toneladas) na comparação anual. Uma carga de peso e de relevância para qualquer montadora.

Fonte: Fenabrave

Desmontagem de mais uma rede?

Uma das maiores e mais importantes lojas de móveis do País vira alvo de ação de despejo no valor de R$ 21,3 milhões e contrata escritório especializado em recuperação judicial para reestruturar suas dívidas

Flávia GIANINI

 FOTO: DIVULGAÇÃO

O varejo brasileiro não vive o melhor de seus dias. Não mesmo. Depois dos escândalos fiscais, crises e até falência envolvendo empresas como Americanas, Marisa e Livraria Cultura, a mais recente personagem do inferno-astral do setor é a rede de móveis Tok&Stok. Com dívida estimada em R$ 600 milhões, a empresa acionou na semana passada o escritório Alvarez & Marsal, especializado em reestruturação de empresas e processos de Recuperação Judicial, para tentar colocar a empresa de volta aos trilhos. O grito de socorro veio depois que o fundo imobiliário Vinci Logística revelou inadimplência de R$ 21,3 milhões da lojista com aluguéis de um Centro de Logística em Extrema (MG). O contrato da loja do Shopping Higienópolis, em São Paulo, também está em processo na justiça por contestação do valor de R$ 2,4 milhões pela empresa.

Segundo o processo, a Tok&Stok ocupa 66,9 mil metros quadrados de área em propriedade do fundo. A Vinci alega que o contrato de locação possui uma apólice de seguro no valor equivalente a 12 aluguéis. No mercado imobiliário e no varejo, a falta de pagamento de aluguel foi vista como um sinal de problema de caixa na varejista, uma das maiores do segmento de móveis.

A Tok&Stok informou que não irá vai se pronunciar sobre o caso. A rede varejista, no entanto, teria demitido 200 funcionários em agosto de 2022. Os acionistas da Tok&Stok são fundos da gestora Carlyle Group e a família francesa Dubrule. A esperança de credores é que ambas possam juntas comandar uma injeção de capital.

O comunicado da Vinci, no dia 2 de fevereiro, resultou no pedido de renúncia de Daniel Sterenberg, até então diretor-presidente da Tok&Tok e presidente do conselho administrativo do Carlyle. A informação consta em lançamento feito na Junta Comercial de São Paulo poucos dias depois.

TRAJETÓRIA Fundada em 1978 para atender as classes A e B, a rede tem lojas em 22 estados brasileiros. Na capital paulista, são dez unidades, entre outlet, as grandes lojas das marginas Pinheiros e Tietê, e também as instaladas em shoppings. Aparentemente, o desafio financeiro não estava nos horizontes da empresa que chegou a se preparar para ser listada na bolsa ao pedir registro para um IPO (oferta inicial de ações na sigla em inglês), mas o plano não avançou.

As intempéries nas contas da rede de lojas podem ser o que analistas têm chamado de crise de bonança. Na pandemia, muitos segmentos cresceram impulsionados por ajustes necessários à transformação do ambiente doméstico para atender aulas e trabalho remotos. Reformas foram feitas, eletrônicos e móveis precisaram ser comprados e substituídos. O erro da rede teria sido não se preparar para o período posterior, que é o atual. Além da atividade econômica dormente, o momento coincide com juros mais altos, menos crédito e mais desconfiança.

A lista de empresas com dificuldades para pagar dívidas, buscando reestruturação financeira ou até proteção da Justiça, não para de crescer neste ano. Por trás da série de crises, uma conjunção de fatores agrava problemas operacionais e de gestão, mas o cenário não é visto como uma crise sistêmica, pois empresas do mesmo setor têm apresentado resultados diferentes. Enquanto as lojas Marisa renegociam dívidas, a concorrente Renner, por exemplo, vai muito bem, obrigada.

Apesar de não ser generalizada, uma vez que cada empresa no setor tem seus problemas específicos, o número de empresas enroladas com suas dívidas acendeu um sinal de alerta no mercado, já que crises se alastram principalmente entre os pequenos. A inadimplência de micro e pequenas fechou 2022 em 3,7%, contra 0,13% nas grandes, com tendência de alta. Cresce também a fatia desses negócios com potencial de inadimplência. Sinal vermelho aceso. **S**

TEMPESTADE NO VAREJO

A TokStok foi mais uma vítima recente entre as varejistas, mas outras empresas também estão em apuros

marisa

Ativos: 334 lojas

Empregados: 8 mil

Dívida: R$ 600 milhões

Problema: Dívida de R$ 788 milhões

AMERICANAS

Ativos: um milhão de m² de armazenagem

Empregados: 44 mil

Dívida: R$ 50 bilhões

Problema: Recuperação judicial com R$ 47,9 bilhões em dívidas

Ativos: 1,1 mil lojas

Empregados: 2,5 mil

Dívida: R$ 670 milhões

Problema: Dívidas a vencer de R$ 600 milhões em abril

livraria cultura

Ativos: 2 lojas

Empregados: 1,5 mil

Dívida: R$ 285,4 milhões

Problema: Falência decretada pela Justiça

O BIG BANG DO FLOW

Rede de podcasts surfa após polêmicas e expande para novas verticais atrás de valuation de R$ 100 milhões até 2025

Victor MARQUES

Dois amigos – Bruno Monteiro Aiub (Monark) e Igor Coelho (3K) –, uma ideia promissora e um sucesso meteórico. O podcast Flow, nascido há menos de cinco anos em um quarto comum numa casa alugada em Curitiba, com microfones amadores e câmeras básicas, quase acabou porque confundiu liberdade de expressão com apologia ao crime. O episódio, que completou um ano em fevereiro, era uma entrevista com os deputados federais Tabata Amaral (PSB-SP) e Kim Kataguiri (DEM-SP). Nele, Monark defendeu a existência de um Partido Nazista no Brasil, o que por aqui é crime (a partir de decisão do STF sobre a Lei 7.716/1989). A péssima repercussão fez patrocinadores de peso (como Amazon Music, Amazon Prime, Bis, iFood, Ragazzo e WiseUp) cancela-

"Trazer o diálogo [de política] para esse ambiente [dos podcasts] faz parte do caminho que eu enxergo para o programa"

IGOR COELHO
FUNDADOR DO FLOW PODCAST

rem R$ 7,6 milhões em contratos. A saída, para não acabar, foi o rompimento amistoso entre os sócios e a compra da parte de Monark por Igor Coelho. Tudo conforme diz a empresa. Depois disso, uma reformulação total que deve levar o grupo a faturar este ano R$ 30 milhões.

Por seu estilo livre e descompromissado, o canal virou um negócio poderoso. Tanto que no ano passado atraiu os presidenciáveis Jair Bolsonaro e Lula — a participação do petista teve 1,1 milhão de espectadores simultâneos.

O sucesso levou a empresa a expandir seus conteúdos e permite projetar um valuation de R$ 100 milhões até 2025. No ano passado, o projeto teve 'quase break even', com faturamento de R$ 14 milhões, superados em R$ 2 milhões pelos custos de operação que alcançaram R$ 16 milhões no mesmo ano. A conta não fechou justamente pelo episódio do Partido Nazista, o Monark Day, como o grupo chama o ocorrido. A receita mensal caiu de R$ 1,5 milhão para quase zero.

André Gaigher, CEO dos Estúdios Flow, cuidou da limpeza para a reconstrução. Reduzir os grandes salários, como o de Igor, que batia os R$ 100 mil e foi cortado para R$ 10 mil. Executivo que já tinha um passado corporativo em empresas como L'Oréal, P&G e Uber, Gaigher foi decisivo no plano de contenção que ajudou o Flow a se manter. "A gente espera voltar ao patamar anterior ao Monark Day só no fim deste ano, mas já estamos conseguindo investir para crescer e expandir", disse.

A composição do estúdio agora é de 4 verticais e mais de 11 programas (*ver gráfico*), contando o Flow, o principal, mais Avesso, Canal Amplifica, Ciência sem Fim, Flow S.A., Flow Sport Club, Kritikê, Noir, Prosa Guiada, Salve Salve, Família e Vênus. Juntos eles somam mais de 45,8 milhões de seguidores e 7,3 bilhões de visualizações. O formato mais novo dessa família é o Flow News, com foco em notícias e debates, tendo como apresentador o ex-âncora da rede Globo, Carlos Tramontina.

O total investido nos novos verticais é estimado em R$ 12 milhões, dos quais R$ 2 milhões em infraestrutura dos novos estúdios e o restante para a produção de conteúdo. A receita do grupo já voltou ao patamar de janeiro de 2022, e R$ 7 milhões em contratos foram assinados em janeiro deste ano.

REVÉS Já Monark tentou um espaço próprio no YouTube, mas acaba de enfrentar outro revés. O Tribunal de Justiça de São Paulo determinou em fevereiro, por decisão unânime, a desmonetização do canal. Caminho oposto ao do Flow que, com investimentos e muitos projetos tem valuation de R$ 50 milhões. A expectativa é alcançar R$ 100 milhões até 2025, além de conquistar em cinco anos faturamento anual de R$ 200 milhões. Prova de que obter resultado no mundo do conteúdo exige um pilar: a credibilidade.

OBRIGATÓRIA POR LEI, GESTÃO DE RESÍDUOS PASSA A SER VISTA COMO NEGÓCIO APÓS FORTALECIMENTO DA INFRAESTRUTURA DA RECICLAGEM EM UM MERCADO QUE JÁ MOVIMENTA R$ 12 BILHÕES

Lana PINHEIRO

LIXO: DE PROBLEMA A N

MODA CIRCULAR
Chilli Beans apresenta nova linha de acessórios eco-friendly e promete ter 30% de todo o portfólio com insumos recicláveis em 2025

Quando foi instituída pela Lei nº 12.305, de agosto de 2010, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) foi encarada como mais "um grande e indesejado componente do custo para se produzir no Brasil", segundo a advogada ambientalista Sophia Bueno. Entre os pontos que mais desagradaram, segundo avaliação da advogada especializada em meio ambiente, Roberta Almeida, está o que tornou, a partir de 2014, as empresas responsáveis pelo lixo que produzem. Desde então, toda indústria precisa coletar quantidade equivalente ao plástico, vidro, papel ou alumínio que coloca no mercado em forma de produto ou embalagem. Passados oito anos, o que era visto como custo se transformou em oportunidade. O lixo está sendo coletado, reciclado e reintroduzido na economia em um mercado que movimenta R$ 12 bilhões ao ano, valor estimado pela Associação Internacional de Resíduos Sólidos.

Realizado pelo Instituto Pragma, o Anuário de Reciclagem 2022 dá uma dimensão do tamanho da cadeia e de seus principais impactos sobre os recursos naturais. Sobre o volume, chama atenção que mesmo ao limitar os dados ao elo de recicladores, a cifra é bilionária. As 1.996 organizações de catadores, que possuem 59.609 trabalhadores, faturaram juntas R$ 1,6 bilhão no ano passado. Para Dione Manetti, presidente do Pragma, os números refletem dois movimentos que estão se fortalecendo. O primeiro é a mudança da relação da sociedade com o lixo. "Durante a pandemia, a conscientização das pessoas de que os resíduos eram um problema aumentou significativamente." O segundo tem relação com as empresas. Com o isolamento social durante a crise sanitária, os catadores reduziram suas atividades, dificultando a gestão de resíduos imposta pela lei a alguns setores econômicos. "O setor industrial passou a valorizar o trabalho das cooperativas."

Já os dados sobre o impacto começam a dar uma dica do motivo pelo qual as empresas começaram a enxergar a PNRS com olhos mais ambiciosos. Para se ter ideia, as 195,4 mil toneladas de papel recicladas em 2022 representaram economia de 685,9 milhões de kWh de energia, de 5.706 milhões de litros de água e manutenção de 3,9 milhões de árvores em pé.

NEGÓCIO ESCALÁVEL

FOTOS: ISTOCK | DIVULGAÇÃO

LANÇAMENTO Carlos Grespan, dietor da Tramontina, foi à principal feira do setor na Alemanha para apresentar linha LYF com materiais reciclados e recicláveis

Segundo o presidente da Coopercap, cooperativa que atua em São Paulo com 350 catadores e que movimenta 2 mil toneladas de resíduos por mês, esse ganho já está sendo contabilizado. "A demanda por serviços de gestão de resíduos pela iniciativa privada aumenta significativamente", disse. Grandes marcas já deixaram de ver o lixo como custo, para enxergá-lo como receita.

SUBSTITUIÇÃO A bem da verdade, transformar resíduos não é novidade. A prática é antiga, seja por tradição, como em comunidades indígenas, ou por pequenos negócios com foco em nichos de mercado. O movimento mais recente, no entanto, está sendo comandado por corporações globais que começaram a investir na substituição de matérias-primas primárias por recicladas, em uma estratégia escalável. Na lista, empresas como a indústria de latas de alumínio Ball, a Coca-Cola, a Tramontina e a Chilli Beans.

Autodeclarada a maior produtora global de embalagens sustentáveis, a Ball produz 110 bilhões de latas de alumínio reciclado por ano no mundo. Atuando no Brasil desde 1989 e com reciclados desde 1991, encontrou aqui espaço para crescer. Hoje, segundo o seu diretor de Sustentabilidade, Estevão Braga, a empresa tem 50% do mercado doméstico que produz 33 bilhões de latas do tipo. O custo explica o apetite. "O preço do alumínio primário é cotado na bolsa de Londres e se move pela lei da oferta e demanda", disse. "Já a opção reciclada é mais estável." Enquanto o primeiro tem preço de cerca de R$ 12 mil a tonelada, o segundo é de R$ 6 mil. Atualmente, cerca de 75% do corpo das latas da Ball é composto por material reciclável. A meta é chegar a 85% em oito anos.

Também consumidora de latas com alumínios, o principal desafio da Coca-Cola é o plástico PET usado em suas garrafas de refrigerantes e água. A agenda ganhou tanta relevância que a marca lançou há cinco anos o programa global Mundo Sem Resíduo. As metas são tão audaciosas quanto garantir que 100% das

TRABALHO CONJUNTO Brasil tem 1.996 cooperativas com 59,6 mil catadores e há ações específicas como a Recicla Solar (ao lado) que recolheu 2 milhões de toneladas de resíduos durante evento em Salvador

embalagens sejam recicláveis até 2025; que 50% de todas as embalagens sejam produzidas de conteúdo reciclado até 2030; além do compromisso de dar destinação adequada ao equivalente a cada embalagem que coloca no mercado até 2030. Vale a informação de que no ano passado das 313 mil toneladas de PET consumidas pela Coca-Cola Brasil, 20,2% foram de insumos reciclados. Meta estabelecida, a empresa corre para superar obstáculos que não são simples, segundo o gerente sênior de Sustentabilidade do Cone Sul na Coca-Cola, Rodrigo Brito. "Não há produção de reciclados para atender toda a demanda".

Obter matéria-prima reciclável em escala obrigou a companhia a criar estratégias para participar de programas setoriais de apoio à cadeia, como o Reciclar pelo Brasil, e criar os próprios, como o Sustenta PET, o Recicla Solar e o Andina. Na soma, os três coletaram mais de 60 mil toneladas. Para Brito, o esforço se traduz em resultados na redução de custos, cumprimento de compromissos ambientais, reputação além de garantir o futuro. "Sabemos que embalagem sem circularidade vai inviabilizar nosso negócio."

Tudo isso conta, claro, mas no caso da Tramontina a grande motivação, segundo o diretor Marcos Grespan, veio do mercado. "Oferecer produtos reciclados e recicláveis passou a ser uma exigência", afirmou. A empresa, que já tinha feito alguns pilotos, acaba de lançar a LYF, primeira linha feita com insumos sustentáveis. "Estamos falando em linha comercial de alta escala." Ela consumiu mais de dois anos de desenvolvimento, R$ 2 milhões em investimentos e foi lançada na feira Ambiente, realizada de 3 a 7 de fevereiro, na Alemanha. "É a feira mais relevante para a indústria global, por isso a escolhemos". Panelas, facas e talheres são feitos com cabos de plástico reciclado e aço 100% reciclável. As embalagens seguem o mesmo princípio.

NOVA GERAÇÃO Da mesa à moda, ao contrário da Tramontina, a Chilli Beans não é novata nesse mercado. Começou há cinco anos, quando o filho do fundador Caito Maia o colocou na parede. "Ele tinha 9 anos e me perguntou o que eu estava fazendo para cuidar do planeta", disse Caito. "Nada." Constrangido, o executivo agiu e começou a incluir matéria-prima reciclada nos cases e acessórios da marca. No início em coleções limitadas. Agora tem como meta ter 30% de todo o seu portfólio com material reciclado até o fim do ano. "Só de cases, serão 4 milhões de peças de material biodegradável". A projeção é que até 2025 todos os produtos da marca sejam produzidos a partir de tecnologias como o capim prado — bagaço de planta manipulado —; lixo coletado no oceano; e injetado ecológico — tipo de plástico reciclável.

Rumo à sustentabilidade, não há antagonia. Qualquer rivalidade é deixada de lado em iniciativas para que o lixo seco deixe de ser problema e passe a ser mais uma linha no abatimento de custos e, melhor ainda, nova fonte de receita.

MOVIMENTO GLOBAL
Rodrigo Brito, gerente sênior de Sustentabilidade da Coca-cola, trabalha no Cone Sul para que região cumpra metas mundias do compromisso Mundo Sem Resíduos criado pela marca

DESIGUALDADE NO MUNDO TECH

Relatório da McKinsey mostra que estamos muito longe da equidade de talentos entre negros e brancos no mundo tech. Os negros ainda representam apenas 12% da força de trabalho dos EUA e o número cai para 8% nas posições de tecnologia

16,3% — População negra americana em relação ao total

12,0% — População negra na força de trabalho civil

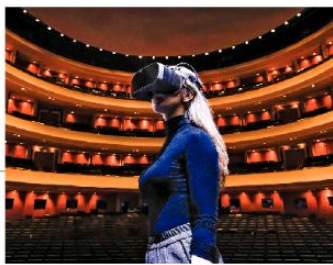
8,0% — População negra na tecnologia

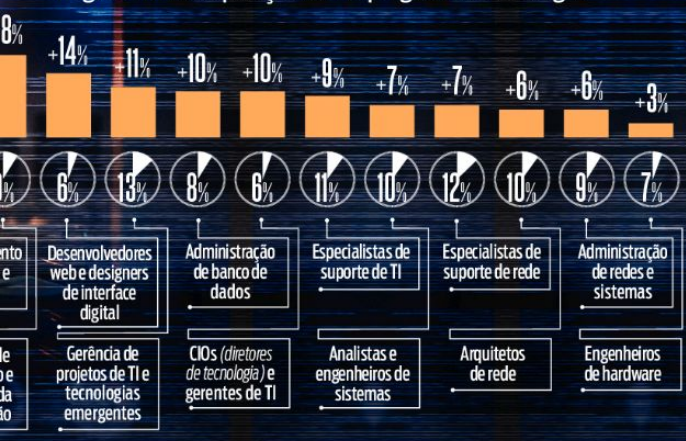
Área	Crescimento	Participação
Cientista de dados	+26%	6%
Cibersegurança	+26%	15%
Desenvolvimento de software e qualidade	+23%	4%
Pesquisa de informação e cientistas da computação	+18%	9%

AIRBNB: PRIMEIRO LUCRO

O Airbnb acaba de apresentar o primeiro lucro líquido anual em 15 anos de vida. E que lucro! A empresa divulgou na última semana o relatório de resultados de 2022. As receitas somaram US$ 8,4 bilhões, o resultado líquido foi de US$ 1,9 bilhão e o Ebitda ajustado, de US$ 2,9 bilhões. A estratégia de demitir 25% dos colaboradores parece ter funcionado. A companhia afirma ter 6,6 milhões de 'listagens ativas' (onde são ofertadas estadias e experiências) e realizado 1 bilhão de chegadas de hóspedes no mundo todo. Outro indicador relevante para a empresa é o incremento das hospedagens de pelo menos uma semana, número que no quarto trimestre de 2022 cresceu 40% sobre o quarto trimestre de 2019, ano pré-pandemia – e uma a cada cinco estadias é de longo prazo (28 dias ou mais). Do começo de 2023 até terça-feira (21), as ações haviam subido 51%.

UM ESPETÁCULO NO METAVERSO

Entretenimento deverá ser um dos principais segmentos de força no metaverso. Com isso em mente, a Ópera Nacional da Finlândia já está mostrando o potencial dessa tecnologia com seu novo espetáculo, a ópera Turandot, criada pelo italiano Giacomo Puccini em 1924 e que estreou em 1926. Os avanços se dão por dois caminhos. O primeiro, na parte de pré-produção e produção. A empresa finlandesa Varjo, de realidade virtual (RV), utiliza o chamado 'gêmeo virtual', que permite emular todas as situações de cena (de cenários a sons, de movimentos dos artistas à iluminação). Isso levou a uma economia de 1,5 mil horas de trabalho, ou 75 mil euros na montagem. Mas o segundo ganho é diretamente voltado à audiência: os estudos permitem ajustes para que o público não perca nenhum detalhe da apresentação, o que era muito comum nas edições convencionais dependendo da localização do assento.

EUROPA CRIA FUNDO PARA STARTUPS

"É SÓ QUANDO DÃO ERRADO É QUE AS MÁQUINAS NOS LEMBRAM DE QUÃO PODEROSAS ELAS SÃO"

Com apoio do Banco Europeu de Investimentos (EIB) e cinco países do continente, a Europa vai ganhar um fundo de 3,75 bilhões de euros para fomentar e investir em novas e promissoras empresas de tecnologia. A decisão nasce a partir de um estudo que identificou que 75% das startups locais são adquiridas por investidores de outras regiões, em especial Estados Unidos e China. Alemanha, Espanha e França entraram com 1 bilhão de euros cada. A Itália colocou no fundo 150 milhões de euros e a Bélgica, 100 milhões de euros. O banco entrou com meio bilhão. "As startups europeias geralmente não têm capital suficiente para competir em escala global e são pressionadas a se mudar para fora do continente", afirmou o banco em comunicado. "Fechar essa lacuna pode criar um grande número de empregos altamente qualificados e impulsionar o crescimento."

CLIVE JAMES
(1939-2019)
CRÍTICO E JORNALISTA AUSTRALIANO

A ABELHA ROBÔ **QUE PODE NOS SALVAR**

Segundo a publicação científica EHP, de 3% a 5% da produção de frutas e vegetais é perdida devido à polinização inadequada, levando a um número estimado de 427 mil mortes anualmente devido à perda de alimentos saudáveis e doenças associadas. Um dos problemas está no declínio da população de abelhas. Para reverter o quadro, pesquisadores da Universidade da Finlândia podem ter a solução. Eles criaram um microrrobô do tamanho de um inseto movido a vento e luz e que pode funcionar como polinizador artificial. Robótica usada para diminuir o impactos da falta de abelhas.

PAPO DIGITAL

Juntando os conceitos de fintech e edtechs, a Mozper traz uma conta digital com cartão para os pais que buscam educação financeira para os filhos. Com liberdade e controle simultaneamente, é a nova mesada digital. Confira o que os cofundadores Yael Israeli (CFO) e Gabriel Roizner (CEO) têm a dizer:

Por que é importante a educação financeira para crianças?

GABRIEL ROIZNER – Da população latina, 70% não tem nenhum tipo de educação financeira. Queremos levar esse conhecimento para os pais que podem dar menos dinheiro, mas ainda querem levar educação financeira aos filhos.

Como o aplicativo da Mozper ajuda nisso?

YAEL ISRAELI – O aplicativo e cartão de crédito ajudam os filhos a administrar esse dinheiro com sabedoria. Assim, eles não acabam gastando tudo em videogames. Acreditamos que as crianças aprendem através da repetição de tarefas. Ou seja, dentro do aplicativo, quando está fazendo as entradas de gastos.

As crianças podem gastar com tudo?

ISRAELI – São bloqueadas compras como pornografia ou jogos de azar on-line.

Além dos recursos do app, como incentivam a educação financeira?

ROIZNER – Toda semana mandamos conteúdo para os pais pelo app e por e-mail. Para as crianças, conteúdos nas mídias sociais, mas principalmente TikTok e YouTube.

Quanto custam os planos?

ROIZNER – O plano básico, gratuito, inclui um cartão, a conta, Pix apenas para familiares e alertas de compras. O plano de aprendizado, de R$ 19 mensais, inclui mais recursos de educação financeira e controle como metas de poupança, tarefas remuneradas, categorias de gastos e mesada automática.

INFOGRÁFICO: FABIO X | FOTOS: DIVULGAÇÃO

POR TRÁS DA BRASOFTV

Companhia brasileira de distribuição de software cresce 40% em um ano e fatura R$ 3,5 bilhões

Victor MARQUES

Na década de 1980 os primeiros computadores pessoais não vinham com o Microsoft Windows, mas sim com um sistema operacional chamado MS-DOS. Foi obtido na época pela Microsoft para ser usado em uma linha de computadores IBM e vinha com aplicações de edição de texto e planilhas, só o básico, podendo ser utilizado apenas por linhas de comandos no princípio, sem interface gráfica. Para editar planilhas se utilizava o Lotus 1-2-3. Para texto, o WordStar. Os dois eram os precursores do Microsoft Excel e Word. Pouco tempo depois, em versões com interface do MS-DOS, foi lançado o Harvard Graphics, de apresentações, um dos antecessores do Microsoft PowerPoint. Uma época na qual a maioria dos computadores pessoais estava dentro das empresas – e as aplicações não eram simplesmente baixadas em

páginas da web (que só foi nascer em 1989-90). Elas tinham distribuidores físicos em cada país que vendiam disquetes ou CDs contendo os programas.

Foi dentro desse ecossistema que nasceu a Brasoftware, brasileira e fundada em 1987, mantendo os negócios dentro da família até hoje. O que não impediu um

R$ 25 mi

É O INVESTIMENTO PREVISTO PARA 2023 PELA BRASOFTWARE. COM ISSO, A EMPRESA ESPERA CRESCER 15% NA SOMA DO ANO

avançado crescimento de 40% no ano passado, frente a 2021, atingindo faturamento de R$ 3,5 bilhões. Atualmente, com mais de 450 mil clientes, a companhia. nasceu como distribuidora dos softwares da era do MS-DOS, sendo hoje, segundo Eduardo Sukarie, sócio-fundador e executivo de vendas da Brasoftware, a líder na oferta e gerenciamento de contratos de licenciamento e serviços on-line no Brasil, com portfólio de serviços que inclui gestão de nuvem, consultoria e serviços gerenciados, além de soluções em inovação e transformação digital. "Embora nosso mercado esteja em alta, a concorrência é enorme e é necessário ter uma estrutura para levar tecnologias que agreguem rapidamente benefícios para nossos clientes", disse à DINHEIRO Sukarie.

A ascensão recente acelerada da empresa vem de uma preparação durante os últimos dez anos para estabelecer estruturas regionais. "Investimos pesado na última década para atender fora do eixo Rio-São Paulo", afirmou. Hoje a companhia já tem escritórios também em Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre, Salvador e 12 outras cidades, incluindo Norte e Nordeste. No início do projeto, 90% do faturamento vinha apenas de São Paulo. Atualmente, as filiais regionais já representam 45% das receitas. Em algumas regiões, ele superou 130%. Visando manter o crescimento em 2023, os planos além da regionalização são de continuar investindo em inovação, principalmente nas áreas de FinOps (gerenciamento financeiro na nuvem), análise de dados e cibersegurança.

Além de focar o cliente, a empresa também está cada vez mais atenta a movimentos internos, com programas de inclusão e capacitação. A companhia criou há seis anos a Brasoftware Academy, estrutura dedicada à capacitação que já certificou mais de 350 colaboradores e atendeu mais de 20 mil profissionais e estudantes. Amanda Almeida, CMO da Brasoftware, diz que esse foco em educação deve continuar, principalmente com o aumento da escassez de mão de obra qualificada para posições de tecnologia. "Sempre tivemos uma cultura voltada à formação de profissionais, mas percebemos ser necessário ampliar nossos investimentos", afirmou.

A empresa também planeja uma consolidação na área de *Customer Sucess* (sucesso do cliente), para ampliar a entrega de benefícios e ações por segmento de indústria. É a maneira que a empresa se posiciona para manter a relevância com o cliente, segundo Sukarie. "E um de nossos principais desafios", afirmou o executivo. Com um plano bem estruturado e faturamento à altura para sustentar os R$ 25 milhões em investimentos para 2023, a Brasoftware tem tudo para crescer e alcançar até mais que o crescimento esperado para 2023, de 15%.

Os números desta reportagem foram fornecidos pela direção da empresa, que não é de capital aberto

"Investimos na última década para atender fora do eixo Rio-São Paulo e hoje as regionais já equivalem a 45% das receitas"

EDUARDO SUKARIE
SÓCIO-FUNDADOR DA BRASOFTWARE

POR CELSO **MASSON**

CARROS, VINHEDOS E DEGUSTAÇÕES
A partir do alto, à esquerda, carros que fazem parte da Drive Experience, o hotel Four Seasons em Napa Valley, uma das vinícolas visitadas no programa e mesas para jantar harmonizado. Há também um roteiro por França e Suíça

VINHO

MOSTO FLOR PASSA A IMPORTAR CHAMPANHES **BERNARD LONCLAS**

Vencedor do troféu Chairman's Trophy 2022, concedido pelo The Champagne and Sparkling Wine World Championship, o produtor Bernard Lonclas pratica uma vitivinicultura sustentável que respeita o homem e a natureza para elaborar champanhes de qualidade superior na região de Bassuet. A partir de agora, três de seus rótulos chegam ao Brasil pela importadora Mosto Flor: Bernard Lonclas Sélection (R$ 598,00), Blanc de Blancs Brut (R$ 662,00) e Blanc de Blancs Extra Brut (R$ 762,00). Com 94 pontos de James Suckling, este último é perfeito para acompanhar vieiras, ostras e harmonizar com sushi. Vendas pelo site mostoflor.com.br.

HOTEL

ROMANCE E UM DOS **MELHORES SPAS DO MUNDO**

Moldada por erupções vulcânicas, a ilha grega de Santorini foi o cenário escolhido pelos idealizadores do luxuoso Andronis Boutique Hotel para acolher casais em busca de momentos românticos. O empreendimento pertence a um grupo dono de sete hotéis na Grécia, entre eles o Andronis Concept Welness Resort, onde a experiência de bem-estar se completa com as terapias do Mare Sanus Spa, eleito o segundo melhor do mundo pela Condé Nast Traveller em 2022. No Brasil, a rede é representada pela agência TL Portfolio. Informações e reservas: https://tlportfolio.com/pb/portfolio/andronis-boutique-hotel.

FOTOS: LUIS VINHAO | DIVULGAÇÃO

DRIVE EXPERIENCE: CONHEÇA OS ALPES OU O NAPA VALLEY DIRIGINDO UM CARRO DE LUXO

Primeiro foi a Toscana, destino escolhido pela rede Four Seasons para estrear seu programa Drive Experience, que inclui vivências gastronômicas em rotas personalizadas em veículos de luxo. Este ano, dois novos destinos foram incluídos: os Alpes, na França e na Suíça (de 12 a 18 de junho); e o Napa Valley, região que concentra mais vinícolas dos EUA (29 de outubro a 4 de novembro). Para o presidente e CEO do Four Seasons Hotels and Resorts, Alejandro Reynal, os roteiros são uma extensão natural do DNA do grupo, "uma curadoria de experiências personalizada que permitem aos hóspedes descobrirem a essência dos destinos de forma surpreendente". O turista pode escolher guiar o carro de luxo ou contratar um motorista particular. Se a opção for os Alpes, o roteiro inclui uma visita ao maciço do Mont Blanc, com suas vistas impressionantes de 360 graus. Já para os amantes da boa mesa e dos vinhos, a aventura tem como base o novo Four Seasons Resort and Residences Napa Valley e direito a conhecer desde fazendas de ostras em Tomales Bay até uma degustação na Opus One Winery, vinícola criada em parceria pela família Rothschild e o lendário produtor californiano Robert Mondavi. As reservas podem ser feitas pelo email drive@fourseasons.com e os preços são sob consulta.

DESIGN

SIERRA COM APELO MINIMALISTA

No ano passado, o Grupo Sierra participou de uma exposição no famoso Salone del Mobile Milano, na Itália, onde expôs duas peças assinadas especialmente pelo designer Marcelo Bilac para o evento: a poltrona e o puff Nonna, ambos com linhas minimalistas que dão a qualquer ambiente uma sofisticação atemporal. Essa característica também está presente na poltrona Montblanc, com assento e encosto ressaltados pelas formas curvilíneas e o contraste de texturas, que podem alternar entre couro natural e diversas opções de tecidos. A estrutura em metal e detalhes em madeira trazem ainda mais suavidade para a peça. Informações: sierra.com.br.

GASTRONOMIA

OS EMBUTIDOS ESPECIAIS DA ANTICA SALUMERIA

Da pancetta defumada aos lombos saborizados com frutas, passando pela bresaola, são mais de 20 opções de embutidos, algumas ainda pouco conhecidas no Brasil, caso da lonza (corte nobre do lombo suíno) e do guanciale, extraído da bochecha do porco. Idealizador da Antica Salumeria, o charcuteiro Ricardo Costa dedicou dois anos apenas para achar o equilíbrio dos ingredientes de seu pastrami autoral. Os patês, caponatas e pães são produzidos na loja da rua Pamplona, no Jardim Paulista, em São Paulo, e podem ser degustados em tábuas e schiacciatas (espécie de sanduíche) ou levados para viagem. Há ainda cestas para presente. Informações pelo Whatsapp 55 11 972768001.

PERFUME

DIOR LANÇA EDIÇÃO LIMITADA DE BOBBY

Em 1952, o estilista Christian Dior dedicou a seu cão Bobby um frasco do perfume Miss Dior, desenhado à imagem do amigo fiel. O item se tornou objeto de desejo dos fãs da maison, que acaba de reeditar a embalagem adornando-a com um laço bordado à mão e repleto de contas brilhantes e coloridas. A estampa é assinada pela diretora artística da grife, Marta Grazia Chiuri, e o vidro traz a delicada fragrância floral de Miss Dior Blooming Bouquet. Cada unidade é numerada e chega ao Brasil custando R$ 5.225, nas boutiques e no e-commerce da marca.

UM BRASILEIRO NO TOPO DE ASPEN

APÓS O REBRANDING DA DIVISÃO HOTELEIRA DA ASPEN SKIING COMPANY, ALINIO AZEVEDO É PROMOVIDO A CEO DA DIVISÃO HOTELEIRA DO CONGLOMERADO QUE OPERA AS QUATRO MONTANHAS DA ESTAÇÃO DE ESQUI MAIS BADALADA DOS EUA

Celso MASSON

Destino favorito dos esquiadores brasileiros nos EUA, Aspen é agora comandado também por um executivo nascido no Brasil. Depois de ocupar os cargos de managing director e de COO do The Little Nell Hotel Group, Alinio Azevedo foi anunciado como novo CEO da Aspen Hospitality, divisão hoteleira da Aspen Skiing Company. A empresa passou por um rebranding e tem metas ambiciosas de crescimento não apenas nas regiões dos Estados Unidos onde predominam os esportes de neve. Atualmente, a companhia opera quatro montanhas (Snowmass, Aspen Mountain, Aspen Highlands e Buttermilk), uma escola de esqui e snowboard, o hotel cinco estrelas The Little Nell e a rede Limelight, com duas unidades no Colorado e uma no Idaho. "O Brasil é nosso principal mercado internacional", afirmou Azevedo à DINHEIRO. "Os brasileiros apreciam a qualidade da estrutura nas montanhas e a variedade das experiências oferecidas". Segundo ele, os turistas com passaporte do Brasil respondem hoje por 45% das vendas internacionais — o que representa 15% do faturamento total da empresa.

A escolha de Azevedo para o cargo de CEO se deve em parte a essa concentração de conterrâneos, mas também aos méritos do executivo. Engenheiro formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, ele estudou na École Supérieure des Sciences Économiques et Commerciales, em Paris, e na Harvard Business School. Em 25 anos de carreira, trabalhou na área de aquisições e desenvolvimento de hotéis e resorts

NEVE BOA
Esquiadores descem pista de Aspen, onde a qualidade da neve tem sido constante nos últimos anos, enquanto na Europa o clima tem afetado a prática esportiva

ALÉM DO ESQUI
Recreação e lazer nas montanhas atraem mais turistas e geram planos de expansão da rede de hotéis Limelight (à esq.) para outros locais

da rede Four Seasons, prestou consultoria imobiliária e hoteleira para a Ernst & Young em Miami e atuou no desenvolvimento de projetos do setor hoteleiro na América Latina, Europa e no Oriente Médio. Essa experiência se tornou estratégica para os próximos passos da expansão das marcas The Little Nell e Limelight. Desta ultima já estão previstas novas unidades em Mammoth, na Califórnia, e em Boulder, no Colorado. As inaugurações serão, respectivamente, no final de 2024 e início de 2025.

Segundo o proprietário da Aspen Skiing Company, Jim Crown, em breve serão anunciados outros empreendimentos do grupo. "Ao longo dos anos, nossa família investiu muito em ideias e pesquisa para a expansão da divisão de hotelaria da companhia", disse Crown. "Estamos expandindo o portfólio do Limelight e do Little Nell para incluir também destinos urbanos desejados por nossos hóspedes", afirmou, sem revelar quais cidades estão no radar. Na visão de Azevedo, além dos futuros lançamentos, há oportunidades para seguir crescendo nas montanhas onde a empresa opera. "A temporada está excelente. Já ultrapassamos o nível pré-pandemia e iremos avançar muito como negócio este ano", afirmou o CEO da Aspen Hospitality.

> "A TEMPORADA ESTÁ EXCELENTE. JÁ ULTRAPASSAMOS O NÍVEL PRÉ-PANDEMIA E IREMOS AVANÇAR MUITO COMO NEGÓCIO ESTE ANO. FAZEMOS A NOSSA PARTE PARA MOSTRAR OS DIFERENCIAIS DO DESTINO"
>
> **ALÍNIO AZEVEDO**
> CEA DA ASPEN HOSPITALITY

O principal investimento da companhia para este ano foi na base da montanha de Buttermilk, que é a mais procurada por iniciantes na prática de esqui e por famílias com crianças. "Investimos nessa montanha porque ela serve como porta de entrada para quem nunca esquiou", disse Azevedo. "Há muitos hóspedes que após viajar para uma estação de esqui querem se introduzir no esporte." Para ele, o inédito patrocínio da plataforma de investimentos brasileira XP Inc. em Aspen Snowmass, iniciado nesta temporada, trouxe impacto positivo, "principalmente por fazer de Aspen um destino top of mind". Isso porque quando o assunto é esqui, a competição com as estações da Europa é acirrada. "Em Aspen não temos família real esquiando, mas a neve é de alta qualidade. Na Europa não nevou até o início de janeiro", afirmou o CEO da Aspen Hospitality. Mesmo sem família real, não faltam celebridades esquiando e curtindo a vida noturna das montanhas Rochosas dos EUA durante o inverno.

ESQUI AO LUAR Ainda que a qualidade e a quantidade de neve sejam fatores imponderáveis ao longo do tempo, sobretudo em virtude das mudanças climáticas, do ponto de vista do negócio Aspen leva uma grande vantagem sobre a concorrência europeia. Isso porque em nenhuma estação da França ou da Suíça há quatro montanhas que pertencem a um mesmo dono. "Pelo fato de sermos proprietários da operação e dos hotéis, podemos oferecer privilégios exclusivos, como abrir as pistas apenas para hóspedes ou promover experiência como o esqui ao luar", disse Azevedo. Ele destaca ainda como diferencial competitivo a atenção ao público, seja para os esportes de neve ou para o lifestyle da montanha. "Nosso foco é a qualidade dos serviços e temos ouvido que a melhor escola de esqui do mundo é a de Aspen", disse.

Para quem não pretende se tornar um expert nas pistas nevadas, há ainda atrativos como a oportunidade de jantar em um chalé no alto da montanha com curadoria gastronômica The Little Nell, que possui uma adega com 40 mil garrafas. "Fazemos a nossa parte para mostrar os diferenciais do destino", disse o brasileiro que está no topo de Aspen — e quer levar mais gente para lá. S

PERTENCENTE À GLOBAL WINES, EMPRESA COM SEDE NA REGIÃO PORTUGUESA DO DÃO, A RIO SOL COLOCA OS TINTOS DO VALE DO SÃO FRANCISCO ENTRE OS MELHORES DO BRASIL

Celso MASSON

OS VINHOS QUE UNEM PORTUGAL E PERNAMBUCO

Receber prêmios pelos rótulos que elabora no município pernambucano de Lagoa Grande, no Vale do São Francisco, tem se tornado uma constante na vida de enólogo português Ricardo Henriques, diretor técnico da vinícola Rio Sol. Foi assim na premiação Wines of Brasil 2022, quando 36 jurados escolheram seus favoritos entre 2.703 vinhos inscritos, de 284 vinícolas. A vinícola criada em 2003 por sócios do Brasil e de Portugal e que hoje pertence ao grupo Global Wines, com sede no Dão, obteve 14 prêmios, entre eles seis medalhas de ouro. Detalhe: todos eles haviam sido premiados anteriormente em diferentes concursos. Para André Arruda, diretor da Rio Sol, as conquistas são resultado do esforço e dedicação em produzir vinhos únicos e com qualidade, "provando que as vinícolas brasileiras são capazes de oferecer rótulos surpreendentes". Como o portfólio da vinícola é inferior a 20 rótulos, a maior parte do que ela produz mereceu destaque.

"A Rio Sol se posiciona apenas no segmento de vinhos finos e trabalha o mercado de gama média a média alta", afirmou o enólogo Henriques. "Temos alguns rótulos premium que se posicionam em uma faixa de preço superior, mas a espinha dorsal do nosso trabalho é de vinhos para o dia a dia, com custo-benefício muito bom." Segundo ele, os mais em conta chegam ao consumidor final por cerca de R$ 30, enquanto os mais sofisticados são vendidos na faixa de R$ 200. Ainda que elabore também espumantes, brancos e rosados com as uvas que nascem no semiárido, em vinhedos irrigados com água do Velho Chico, são os tintos que têm obtido as melhores notas dos jurados. Um deles, inclusive, é feito com a variedade portuguesa Touriga Nacional. Trata-se de um Gran Reserva que custa em torno de R$ 80 e pode entregar mais na taça que alguns representantes de seu país de origem vendidos no Brasil a preços bem mais altos. Toda a matéria-prima provém de vinhedos próprios, que somam 140 hectares. O plano é ampliar a área plantada em até 15 hectares ainda este ano.

PREMIADO
Acima, vinhedo irrigado com água do São Francisco e o enólogo e diretor técnico da Rio Sol, Ricardo Henriques. Abaixo, rótulo com a uva portuguesa Touriga Nacional, medalha de ouro no Wines of Brazil

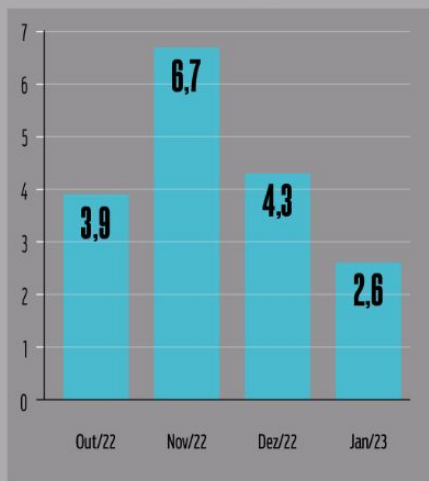
INDICAÇÃO DE PROCEDÊNCIA

A expansão dos vinhedos atende ao objetivo de ampliar a produção sem depender de fornecedores de uva, já que a Rio Sol tem registrado crescimento médio anual de 20%, tanto em volume quanto em faturamento. As exportações respondem por menos de 10% do total engarrafado. O Vale do São Francisco passou a ser uma Indicação de Procedência (IP) para vinhos. Segundo o diretor da Rio Sol, a tendência é que haja maior reconhecimento da qualidade dos rótulos da região. Isso porque, para obter o selo da IP, os vinhos precisam seguir parâmetros da Organização Internacional da Vinha e do Vinho (OIV) e passar por um comitê de avaliação. "Isso irá passar confiança para o consumidor", afirmou Henriques.

ATIVIDADE ECONÔMICA SOBE 2,9% EM 2022

O indicador de atividade econômica do Banco Central, IBC-Br, avançou 2,9% no acumulado de 2022, mostram dados divulgados pela instituição pouco antes do Carnaval. Na avaliação da Genial Investimentos, o período não foi positivo para a indústria, que apresentou queda de 0,7%, após a expansão de 3,9% em 2021. O setor operou em patamar semelhante ao observado em 2009. O resultado também não possui um viés positivo para o varejo, visto que o segmento avançou 1,0% — a menor alta registrada pela série iniciada em 2017, incluindo o período da pandemia em 2020. Em janeiro de 2023, o crescimento foi de 0,29%. O número ficou em linha com a expectativa da Genial Investimentos, que estimou a cifra em 0,30%.

BALANÇA COMERCIAL TEM SALDO DE US$ 2,6 BI

A balança comercial brasileira teve saldo positivo de US$ 2,6 bilhões em janeiro e de US$ 1,5 bilhão nas duas primeiras semanas de fevereiro. O montante está próximo ao maior valor na série histórica de saldos comerciais de janeiro, que foi de US$ 2,7 bilhões, em 2006. Na comparação anual entre janeiro de 2022 e o de 2023, o valor das exportações aumentou 16,4% e o das importações, 2,9%. A variação do volume exportado foi positiva em 9,7% e o das importações recuou em 4,9%. Estudo divulgado pela Fundação Getulio Vargas (FGV) na sexta-feira (17) aprofunda mostra que o preço das importações de commodities continuou a superar o das exportações, como ocorreu ao longo de 2022, e aumentou em 15%. Já o volume recuou em 5,1%. Para 2023, a FGV aponta que a relação comercial entre Brasil e China será importantíssima para o aumento das exportações: "Isso porque as projeções do FMI apontam para desaceleração da economia mundial e das principais economias do mundo, exceto da China".

Fonte: FGV-IBRE

MERCADO ELEVA EXPECTATIVAS DE INFLAÇÃO

O mercado financeiro elevou as expectativas da inflação para 2023 medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 5,48% para 5,89% nas últimas quatro semanas, mostram dados do boletim Focus divulgado na quarta-feira (22). Essa foi a décima semana consecutiva de reajuste. A projeção para o crescimento econômico ficou em 0,8%, leve alta contra o 0,76% da semana anterior. Enquanto isso, o mercado estima que a taxa básica de juros da economia, a Selic, deve encerrar o ano a 12,75%, enquanto o câmbio deve terminar 2023 a R$ 5,25 por dólar. Para 2024, a expectativa de inflação é de 4,02%. O PIB deve crescer 1,5%, enquanto a Selic deve encerrar o próximo ano em 10%. Já a taxa de câmbio deve ficar em R$ 5,29 por dólar.

PREVIDÊNCIA PLANEJADA

Tesouro RendA+ aparece como produto mais seguro e rentável da atualidade. Isso deve continuar?

Bruno ANDRADE

A aposentadoria é uma fase que exige planejamento. Isso porque a média salarial do brasileiro aposentado é de R$ 1.789,23 por mês, segundo dados do último Informe da Previdência Social. O valor está pouco acima do salário mínimo, o que pode deixar o brasileiro de menor renda preocupado com as futuras despesas com saúde, alimentação ou aluguéis. Já quem possui maior renda também deve se precaver, pois o teto do INSS é de R$ 7.507,49 – e manter o padrão de vida depois de aposentado pode ser uma tarefa árdua para quem não se programou.

Com o intuito de facilitar esse planejamento, o Tesouro Nacional e a B3 lançaram o Tesouro RendA+ Aposentadoria Extra. O título público de previdência paga atualmente em média 6,3% ao ano mais a inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). O aporte mínimo é de R$ 30 no Tesouro Direto, o programa de compra e venda de títulos públicos federais pela internet. Na quase totalidade das plataformas de investimento, a taxa de administração cobrada é zero, e a B3 cobra um valor de custódia entre 0,1% (20 anos), 0,2% ao ano (de 10 a 20 anos) e 0,5% ao ano na venda antecipada dos papéis em até 10 anos de permanência. Após o vencimento, a taxa de custódia também é zero. Além disso, o investidor terá que pagar o Imposto de Renda (IR) sobre ganhos de capital, cuja alíquota varia de acordo com o tempo de permanência. Se o resgate for realizado em até 180 dias, a taxação é de 22,5%, de 181 a 360 dias (20%), entre 361 até 720 dias (17,5%), e só após 720 dias (dois anos), a alíquota do IR recua para 15%.

Segundo o Tesouro, a nova modalidade de investimento possui duas fases, a acumulativa e de recebimento. A primeira etapa é o tempo que o título vai render a taxa real mais IPCA. O investidor possui vários vencimentos até encerrar essa fase, que vão de 2030 até 2065. Após a fase acumulativa, a pessoa física recebe o dinheiro em 240 meses – equivalente a 20 anos. Durante o período de recebimento, o patrimônio construído continua sendo atualizado pela inflação, até a parcela 240.

Para o head de Planejamento Financeiro da Nord Research, Nélio Costa, um ponto positivo é que o risco é praticamente

zero, por ser um título do governo. "Se o País quebrar, o mais comum é a impressão de moeda, que gera inflação, mas o título tem proteção contra a inflação o tempo todo".

MOMENTO Analistas consultados pela DINHEIRO alertam que a rentabilidade média – hoje de 6,3% mais IPCA – pode mudar para um valor menor caso a taxa básica de juros da economia (Selic) recue no futuro. Segundo o analista de investimentos da Rico Antônio Sanches é possível que a taxa do RendA+ diminua nos próximos dez anos. "O título pode sair de IPCA mais 6% para IPCA mais 3%", disse. "Claro que o dinheiro investido hoje vai render os 6% até o final do título, mas o investidor deve entender que o valor aportado em 2033 terá outra rentabilidade ", afirmou.

De acordo com o especialista líder em investimentos e alocação de ativos do Itaú, Martin Iglesias, se em algum momento no futuro o RendA+ pagar somente 2% de juros reais, a Bolsa de Valores vai estar indo bem. "Nesse cenário, os juros devem estar baixos e o Ibovespa bombando, por isso, o ideal é também optar pelos planos de previdência PGBL e VGBL, eles podem ser uma boa alternativa, principalmente os que possuem exposição em ações", afirmou. O Itaú oferece tanto o Tesouro Direto como planos de previdência em sua plataforma.

O segundo ponto ruim é a tributação. Para Iglesias, o fato de o título do Tesouro descontar os 15% do IR sobre o lucro no longo prazo é desvantajoso. "O título rende de forma líquida IPCA + 4,77%", disse. Já os planos PGBL possuem abatimento de até 12% no IR do salário bruto e o VGBL possibilita a tabela regressiva, que permite pagar a alíquota mínima sobre a renda, de 10%, a partir de dez anos de permanência no investimento.

Por fim, para o head de planejamento financeiro da Nord Research Nélio Costa, o único caso recomendado para o investidor colocar todo o seu dinheiro no RendA+ é se ele já está com o patrimônio consolidado. "Se todo o capital estiver consolidado e não houver novos aportes no longo prazo, o RendA+ é excelente, pois a rentabilidade atual é perfeita", disse. "No entanto, se não existir patrimônio ou se ele está em construção, é melhor diversificar, pois essa é a maior arma do investidor que quer aumentar sua aposentadoria", afirmou. S

"Se todo o capital estiver consolidado, o RendA+ é excelente, pois a rentabilidade atual é perfeita"

NÉLIO COSTA
HEAD DA NORD RESEARCH

PAPEIS AVULSOS

VALE DIVIDE ANALISTAS APÓS LUCRO 21% MENOR

A Vale reportou lucro líquido de R$ 95,9 bilhões no acumulado de 2022, queda de 21% na comparação com o lucro de R$ 121,2 bilhões de 2021. A companhia também registrou uma redução de 39% no Ebitda ajustado, que ficou em R$ 102,1 bilhões. A queda foi puxada pelos preços mais baixos do minério de ferro, informou a Vale. Para o BTG Pactual, a companhia continua sendo a preferida por ter exposição à economia chinesa. "Esperamos uma recuperação da economia chinesa ao longo de 2023 por causa do fim das medidas restritivas com foco no combate ao coronavírus", disseram Leonardo Correa e Caio Greiner, que assinam o relatório. Já os analistas do UBS comentam que ainda não é certo que a economia chinesa deve apresentar recuperação, o que deve mexer no valor do minério de ferro. "O preço deve cair de US$ 126 por tonelada para US$ 95 por tonelada no final de 2023", afirmaram Andreas Bokkenheuser e sua equipe. Os especialistas acreditam que o papel negociado em Nova York deve ir a US$ 12 por ação, sendo 29,8% menor que o preço de US$ 17,09 de quinta-feira (16).

INDICADORES ECONÔMICOS

PIB CRESCIMENTO (FONTE: BANCO CENTRAL)	3º TRI/22	2º TRI/22	1º TRI/22	4º TRI/21	2021
PIB (DESSAZ.)	0,4%	1,0%	1,3%	0,9%	5,0%
PIB EM US$ BILHÕES *	1.837,3	1.783,7	1.698,9	1.648,8	1.648,8
ATIVIDADE **	**DEZ/22**	**NOV/22**	**OUT/22**	**SET/22**	**NO ANO**
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	0,0%	-0,1%	0,3%	-0,7%	-0,7%
VOLUME DE VENDAS NO VAREJO RESTRITO (IBGE)	0,4%	1,4%	2,7%	3,2%	1,0%
TAXA DE DESEMPREGO - PNAD CONTÍNUA (IBGE)	-	8,1%	8,3%	8,7%	9,7%
UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA (CNI) - DESSAZ.	79,4%	80,0%	79,8%	80,1%	80,4%
INADIMPLÊNCIA ***	**DEZ/22**	**NOV/22**	**OUT/22**	**SET/22**	**MÉDIA EM 2022**
PESSOA FÍSICA ATÉ 90 DIAS	4,3%	4,5%	4,3%	4,3%	4,3%
PESSOA F. ACIMA DE 90 DIAS	5,9%	5,8%	5,8%	5,7%	5,3%
PESSOA JURÍDICA ATÉ 90 DIAS	1,9%	1,9%	1,8%	1,7%	1,8%
PESSOA J. ACIMA DE 90 DIAS	2,1%	2,1%	2,0%	1,9%	1,8%

CONTAS PÚBLICAS (% PIB)* (A)	DEZ/22 A JAN/22	NOV/22 A DEZ/21	OUT/22 A NOV/21	SET/22 A OUT/21	AGO/22 A SET/21
RESULTADO NOMINAL	-4,68%	-4,54%	-4,12%	-4,26%	-4,10%
RESULTADO PRIMÁRIO	1,28%	1,41%	1,78%	1,88%	1,92%
	DEZ/22	**NOV/22**	**OUT/22**	**2021**	**2020**
DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL	73,45%	74,57%	75,14%	78,29%	86,94%
DÍVIDA BRUTA INTERNA	64,25%	65,32%	66,07%	67,41%	77,58%
DÍVIDA BRUTA EXTERNA	9,20%	9,25%	9,07%	10,88%	11,01%
CONTAS EXTERNAS (US$ MILHÕES)	**JAN/23**	**DEZ/22**	**NOV/22**	**OUT/22**	**NO ANO**
INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO	-	5.570	8.338	5.541	90.572
EXPORTAÇÕES	23.030	26.342	27.652	26.852	23.030
IMPORTAÇÕES	20.420	21.809	21.452	23.477	20.420
SALDO COMERCIAL	2.610	4.533	6.200	3.375	2.610
SALDO EM TRANSAÇÕES CORRENTES	-	-10.878	-625	-5.153	-55.668
RESERVAS INTERNACIONAIS LÍQUIDAS	-	324.703	331.505	325.546	324.703
DÍVIDA EXTERNA TOTAL	-	318.548	318.682	318.304	318.548

** Acumulado nos últimos 12 meses; ** Em relação ao mesmo período do ano anterior, exceto utilização de capacidade instalada e taxa de desemprego; *** Em proporção do volume de crédito concedido. - Recursos Livres (a) Superávit = (-) e Déficit = (+), conforme notas econômicas do BACEN*

DESEMPENHO DAS EMPRESAS POR SETOR DE ATIVIDADE

MELHOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Seguros e Previdência	18,03	41,04
Saneamento	-4,88	34,20
Serviço Financeiro	-5,06	13,41
Industrial	-0,39	11,52
Agronegócio	9,31	11,41

PIOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Alimentos	-5,54	-24,81
Açúcar e Álcool	-3,81	-30,36
Têxtil	-2,45	-31,18
Educação	-3,33	-34,90
Químico	-3,59	-38,56

Fonte: Austin Rating de 17/fev/2023

FOTO: SALVIANO MACHADO / VALE

PRINCIPAIS ÍNDICES

INFLAÇÃO	JAN/23	DEZ/22	NOV/22	NO ANO	12 MESES
IPC - FIPE	0,63%	0,54%	0,47%	0,63%	7,20%
IGP-M (FGV)	0,21%	0,45%	-0,56%	0,21%	3,79%
IGP-DI (FGV)	0,06%	0,31%	-0,18%	0,06%	3,01%
IPCA (IBGE)	0,53%	0,62%	0,41%	0,53%	5,77%
IPCA - NÚCLEO MM SUAVIZADO	0,49%	0,49%	0,38%	0,49%	8,74%
JUROS/APLICAÇÃO	**JAN/23**	**DEZ/22**	**NOV/22**	**NO ANO**	**12 MESES**
CDI	1,07%	1,12%	1,02%	1,07%	12,81%
TLP	0,48%	0,47%	0,46%	0,48%	5,58%
POUPANÇA	0,71%	0,71%	0,65%	0,71%	8,06%
TJLP	0,59%	0,58%	0,58%	0,59%	6,88%
CDB/RDB - TAXA PREFIXADA MÉDIA	1,03%	0,95%	0,97%	1,03%	12,11%

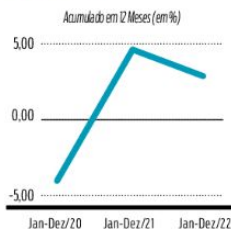
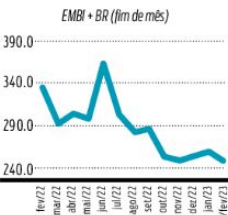
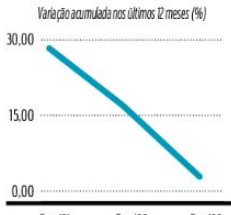
CÂMBIO/PETRÓLEO	17/02/2023	NO MÊS	NO ANO	12 MESES
REAIS/US$ (COMERCIAL VENDA)	5,201	2,00%	-0,32%	1,31%
US$/EURO	1,066	-1,82%	-0,09%	-5,94%
IENE/US$	134,35	3,31%	1,89%	16,77%
PETRÓLEO À VISTA BRENT (US$/BARRIL)	83,00	-1,76%	-3,39%	-11,27%

MERCADOS FUTUROS 17/02/2023				
	MAR/23	MAI/23	JUL/23	SET/23
CÂMBIO (R$/US$)	5,168	5,226	5,287	5,345
	MAR/23	MAI/23	JUL/23	SET/23
DI DE 1 DIA (% A.A.)	13,64	13,65	13,60	13,47
	ABR/23	JUN/23	AGO/23	OUT/23
IBOVESPA (PONTOS)	110.868	112.929	115.136	117.228
	MAR/23	MAI/23	JUL/23	SET/23
CAFÉ ARÁBICA (60KG - ICF)	233,65	230,90	228,35	224,05

AUSTIN

JUROS FUTUROS

17/02/2023

IBC-BR (BACEN)

RISCO-PAÍS

IGP-10 (FGV)

AS 10 MAIS NEGOCIADAS DO IBOVESPA

Ação	Cotação (R$)	*% mês	% ano	% 12 M	% Índice
Vale ON	86,71	-8,3	-2,4	3,3	15,308
Itaú Unibanco PN	26,71	5,5	7,0	4,8	6,670
Petrobras PN	26,80	2,8	9,4	35,7	6,364
Petrobras ON	30,23	2,6	7,8	32,4	5,479
B3 ON	11,92	-8,0	-9,3	-11,1	3,658
Eletrobras ON	36,64	-9,9	-13,0	12,0	3,566
Bradesco PN	13,12	-6,3	-9,7	-27,3	3,518
Brasil ON	40,60	-0,2	16,9	36,2	3,000
AmBev ON	13,13	-3,9	-9,6	-7,0	2,995
Weg ON	38,58	0,9	0,2	33,0	2,646

Fonte: Economática *13/02/2023

BOLSAS NO MUNDO

17/02/2023

Mercado	Índice	Pontos	COTAÇÃO (MOEDA LOCAL) % mês	% ano	% 12 m.	VARIAÇÃO (US$) % mês	% ano
Brasil	Ibovespa	109.177	-3,75%	-0,51%	-3,28%	-1,83%	-0,82%
Brasil	IBrX 100	46.300	-3,90%	-0,53%	-4,08%	-1,98%	-0,84%
EUA	Dow Jones	33.827	-0,76%	2,05%	-0,74%	-0,76%	2,05%
EUA	Nasdaq	11.787	1,75%	12,62%	-13,00%	1,75%	12,62%
Japão	Nikkei 225	27.513	0,68%	5,44%	1,44%	4,02%	7,43%
China	Shanghai	3.224	-0,97%	4,36%	-7,64%	0,67%	3,89%
Alemanha	DAX 30	15.482	2,34%	11,19%	2,92%	0,47%	11,09%
França	CAC 40	7.348	3,75%	13,50%	6,03%	1,85%	13,39%
Reino Unido	FTSE 100	8.004	2,99%	7,42%	6,53%	0,41%	7,12%

Fonte: Austin Rating

RENTABILIDADE DOS TÍTULOS PÚBLICOS (%)

*17/fev/23 (inclui JS = Juros Semestrais)

TÍTULO	VENC.	INDEXADOR	Últim. 30 dias	ano *	12 MESES
Tesouro Selic 23	01/03/2023	Selic	1,17%	1,84%	13,01%
Tesouro Prefixado (JS) 25	01/01/2025	Prefixado	0,63%	1,97%	9,00%
Tesouro IPCA+ (JS) 24	15/08/2024	IPCA	1,90%	2,90%	10,93%
Tesouro IGPM+ (JS) 31	01/01/2031	IGP-M	0,17%	1,27%	5,25%
Tesouro Prefixado 24	01/07/2024	Prefixado	1,00%	1,94%	9,68%

MAIORES ALTAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
HAPVIDA	Saúde	12,3
VIA VAREJO	Varejo	9,8
BRADESCO	Financeiro	9,7
GRUPO SOMA	Varejo	8,5
TIM	Telecom	8,1

MAIORES BAIXAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
MAGAZ LUIZA	Varejo	-7,8
BRASKEM	Químico	-8,7
PETRORIO	Petróleo e Gás	-10,5
3R PETROLEUM	Petróleo e Gás	-10,5
AZUL	Transporte	-11,5

Fonte: Austin Rating *17/02 a 10/02

TERMÔMETRO DO MERCADO

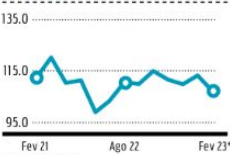
O IBOVESPA EM UM ANO *	PONTOS
Ibovespa	108.836
Mínima	95.267
Máxima	121.628

Fonte: Economatica *113/02/2023

IBOVESPA

em milhares de pontos

*Até 22/02/2023

QUANTO MAIS AGRESSIVO FOR O AUMENTO DAS TAXAS DE JUROS AGORA, MELHOR SERÃO AS CHANCES DE O FED CONTROLAR A INFLAÇÃO

JAMES BULLARD
Presidente do St. Louis Federal Reserve

+12,11%

Foi a alta das ações da Hapvida na semana encerrada sexta-feira (17). O ativo saiu de R$ 4,54 e foi para R$ 5,09. Segundo o especialista da Valor Investimentos Paulo Luives, a alta foi puxada após dados da ANS apontarem o crescimento da contratação de planos privados em dezembro de 2022. "Foram mais de 239 mil novos usuários", disse.

US$ **783 milhões** foi o lucro líquido da XP Investimentos no quarto trimestre de 2022, queda de 21% na comparação com o mesmo período do ano passado. O retorno sobre o patrimônio médio (ROEA) caiu 10 pontos percentuais, para 18,1%. A receita líquida somou R$ 3,1 bilhões, queda de 3%.

R$ **208 bilhões** foi o faturamento do turismo no Brasil em 2022, alta de 28% na comparação com 2021, mostra a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (Fecomercio-SP). A alta foi impactada pelo setor aéreo, que cresceu 65,2% para R$ 66,5 bilhões.

–11,58%

Foi a queda das ações da Azul na semana encerrada sexta-feira (17). Para o especialista da Valor Investimentos Paulo Luives, a baixa aconteceu após temor do mercado sobre as vendas da empresa. "Apesar do volume positivo apresentado, há uma pressão sobre a demanda por causa dos repasses de preços realizados recentemente", disse Luives, em entrevista à DINHEIRO.

CRIPTOS

A Justiça do Rio de Janeiro decretou às vésperas do Carnaval a falência da GAS Consultoria e Tecnologia, empresa controlada pelo Faraó dos bitcoins, Glaidson Acácio dos Santos. A decisão foi expedida pela juíza Maria da Penha Nobre Mauro, da 5ª Vara Empresarial do Rio de Janeiro. Segundo o documento, a empresa tem cerca de 127 mil credores e mais de R$ 9 bilhões em passivos. Os advogados do Faraó dos bitcoins ainda tentavam impedir que a decisão fosse tomada pelas autoridades. Glaidson Acácio dos Santos está preso desde 2021, quando a Polícia Federal desmantelou seu suposto esquema de pirâmide financeira. Santos prometia para os clientes um retorno mensal de pelo menos 10% sobre o valor investido, algo que não foi cumprido.

 FOTOS: ALASTAIR PIKE / AFP | DIVULGAÇÃO

PALAVRA DO GESTOR

SAMIR KERBAGE É O CIO DA HASHDEX

Quais são os seus fundos e no que eles investem?

Somos focados em criptoativos. Temos seis ETFs e outros dez fundos. Nosso produto mais conhecido é o HASH11, um ETF de criptoativo listado na B3 que replica o Nasdaq Crypto Index (NCI).

Na última semana o caso da stablecoin da Binance chamou atenção do mercado. Você pode explicar o que é um stablecoin?

Uma stablecoin é um ativo emitido em uma blockchain pública com lastro em moeda fiduciária. Então o emissor de uma stablecoin garante ao usuário que a cada moeda emitida você possui um dólar depositado no banco ou em um título de curto prazo.

Comprar uma stablecoin atrelada ao dólar é uma boa alternativa para o investidor que busca lucros de curto prazo com a volatilidade da moeda americana ante o real?

Não vejo isso como algo interessante. Primeiro porque a stablecoin não possui grandes fundamentos de investimentos, como o bitcoin, que tende a se valorizar no longo prazo. Um stablecoin atrelada ao dólar por exemplo pode trazer lucros especulativos de curto prazo, que são mais imprevisíveis. E, no horizonte de longo prazo, não tem nenhuma perspectiva de valorização e rendimentos.

Se a stablecoin é melhor para pagamentos, qual é a melhor criptomoeda para o investidor?

Atualmente, o mercado cripto está passando por uma alta volatilidade por causa da alta das taxas de juros do banco central americano, o Federal Reserve (Fed). No entanto, temos a expectativa de que a situação melhore nos próximos três ou cinco anos. Dessa forma, existe uma previsão de que o bitcoin recupere o patamar dos US$ 69 mil e até supere esse teto. Por isso, vemos o ativo melhor que as stablecoins.

QUEM É E O QUE FAZ

- Formado em Engenharia de Computação pelo Instituto Militar de Engenharia (IME)
- Kerbage possui experiência em construir infraestrutura de mercado financeiro
- Antes da Hashdex, fez parte da Americas Trading Group (ATG)
- Ele também fundou uma empresa de High Frequency Trading

NOTAS

FIAGROS LEVANTAM R$ 1,1 BI EM JANEIRO

Os Fiagros (Fundos de Investimento em Cadeias Agroindustriais) iniciaram 2023 com alta nas emissões: três ofertas públicas realizadas em janeiro levantaram R$ 1,1 bilhão, o segundo maior volume mensal desde o lançamento do produto, em 2021. Entretanto, a captação líquida desses fundos ficou negativa em R$ 20,3 milhões. Em dezembro de 2022, o resultado foi positivo em R$ 679,7 milhões. O patrimônio líquido dos Fiagros terminou janeiro com R$ 10,4 bilhões, ante R$ 10,3 bilhões em dezembro do ano passado.

AZ QUEST COMPRA 50% DA PANORAMA

A AZ Quest, gestora de São Paulo com R$ 23 bilhões em ativos administrados, comprou 50% da Panorama Capital. Segundo a companhia, o objetivo é a aumentar a quantidade de produtos disponíveis no portfólio da gestora. "Esta transação é mais um passo importante para a consolidação da AZ Quest no segmento de investimentos alternativos. Após o lançamento das estratégias Agro, que teve seu primeiro Fiagro listado na B3 em 2022 (AAZQ11), e da contratação da equipe de Infraestrutura", afirmou a gestora em nota enviada para a imprensa.

FGC ATUA NAS LIQUIDAÇÕES DE BRK E PORTOCRED

O Fundo Garantidor de Créditos (FGC) informou na sexta-feira (17) que está atuando para pagar os investidores que tiveram perdas com as liquidações da BRK e Portocred decretadas pelo Banco Central no dia 15. "O FGC atua com o pagamento da garantia, administrando esse instrumento de proteção dos depositantes e investidores", afirmou o diretor-executivo do FGC, Daniel Lima, em nota. O FGC garante até R$ 250 mil por CPF (pessoa física) ou CNPJ (empresas) por instituição financeira ou conglomerado financeiro.

ARTIGO

POR **EDSON ROSSI***

O CAMINHO DA ÍNDIA

Crescimento econômico e populacional jogará mais luz pro Leste do mundo

Daqui a um mês, exatamente no primeiro dia de abril, a Índia vai passar a China em número de habitantes, segundo as projeções demográficas oficiais da ONU. No campo econômico, ela já superou a Inglaterra e se tornou o quinto maior PIB do mundo (2021, World Bank). Não é pouca coisa. Ao mesmo tempo, de forma isolada esses dois dados não significam nada. Há sinais opostos na narrativa. Pelo lado positivo, é inescapável a qualquer player do xadrez global um mercado consumidor de 1,4 bilhão de pessoas muito mais poroso ao mundo ocidental que a China. Isso já traz dinâmicas que movimentam números expressivos, tornando a Índia o segundo maior consumidor mundial de aço e o terceiro maior de grãos. Pelo lado negativo, sua trajetória ainda segue uma cartilha bem brasileira e aparentemente paradoxal: cresce potencializando a pobreza. No Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), está na 132ª posição, atrás de todos os pares de Brics. E a quantidade de indianos que vive com até US$ 2,15 por dia bate em 140 milhões de pessoas — 100 vezes mais que na China. Em resumo, um lugar muito rico e ainda muito mais pobre. Dicotomia que bem conhecemos, mas em volumes muito superiores aos nossos.

É isso que começa a moldar a fase atual da economia Brics. Se juntarmos os dados de seus cinco integrantes há uma espécie de nova ordem a ser construída. No PIB, essa galera de países soma 33% da economia mundial (contra 42% das economias desenvolvidas) e deve crescer em média 4,7% entre 2022-2026 (contra 2,1% dos ricos). Isoladamente, porém, nada iguala uns aos outros. Chineses e indianos brigam por fronteiras, ambos não têm nada a ver com russos, que desconhecem a África do Sul, que em pouco se assemelha ao Brasil — e este, por sua vez, desconhece igualmente e na mesma proporção todos eles. Esse imenso pagode (arquitetônico e não musical) irá costurar seus projetos estratégicos a partir de uma instituição com apenas oito anos de vida e que deverá ser decisiva nos caminhos de equilibrar economias e fazer do crescimento do bloco algo harmônico: o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB, na sigla em inglês), o banco do Brics.

Até quarta-feira (22) ainda era presidido por Marcos Troyjo, mas deverá ter Dilma Rousseff à frente. Existe um evidente potencial de crescimento econômico e de conquista de espaço nas relações geopolíticas globais para os cinco países do bloco. Mas isso somente irá vingar caso ocorra uma improvável harmonização de crescimento entre seus integrantes e acordos estratégicos que extrapolem o bloco. Hoje, a China disparou. Seu PIB de US$ 17,7 trilhões (dados sempre de 2021) representa 72% do total da turma — Índia (US$ 3,2 trilhões), Rússia (US$ 1,8 trilhão), Brasil (US$ 1,6 trilhão) e África do Sul (US$ 420 bilhões) vêm muito atrás. No campo do PIB per capita a disparidade também é profunda. No alto temos China (US$ 12.556) e Rússia (US$ 12.195). No meio, Brasil (US$ 7.507) e África do Sul (US$ 7.055). No fim, bem distante, a Índia (US$ 2.256). Outro dado que mostra muito como cada um lidou com problemas que eram parecidos havia poucas décadas é o acesso a saneamento básico (água e esgoto). Nas China, atinge 70% da população. Cai para 61% na Rússia, 49% no Brasil, 46% na Índia e para a África do Sul nem dados confiáveis disponíveis existem. As disparidades ocorrem em todas as linhas. De expectativa de vida à formação educacional. De número de patentes a avanços tecnológicos. De cadeias para veículos elétricos a infraestrutura e logística funcionais.

> Países do Brics têm 42% do PIB global — mas a China sozinha representa 72% da economia do bloco

Na prática, a China avança, a Índia ganha tração pela população e PIB em alta e o resto tenta chegar. Um bloco com esse nível de estresse não irá gerar oportunidade, e sim desperdício. Mesmo nesse contexto, porém, o Brasil de Lula III tem tudo para fazer de 2023/24 um biênio de golaço. E a resposta, nesse caso, não estará na diplomacia ou nos palcos internacionais de que nosso presidente tanto gosta. Estará dentro de casa. Ela se resume a doses generosas de bons modos fiscais, elegância inflacionária e educação reformista. Ou isso ou outra década perdida. Com ou sem Brics como protagonista global. S

**Edson Rossi é redator-chefe da DINHEIRO.*